



UNEB
UNIVERSIDADE DO
ESTADO DA BAHIA

DEPARTAMENTO DE CIÊNCIAS HUMANAS - CAMPUS V
COLEGIADO DE LÍNGUA INGLESA E LITERATURAS

ANTONIO CARLOS SANTOS DA SILVA JÚNIOR

ENTRE FRONTEIRAS: UM ESTUDO SOBRE PROCEDIMENTOS DE TRADUÇÃO
DENTRO DA OBRA *HERE THE WHOLE TIME*, DE VITOR MARTINS

SANTO ANTÔNIO DE JESUS – BA

2022

ANTONIO CARLOS SANTOS DA SILVA JÚNIOR

**ENTRE FRONTEIRAS: UM ESTUDO SOBRE PROCEDIMENTOS DE TRADUÇÃO
DENTRO DA OBRA *HERE THE WHOLE TIME*, DE VITOR MARTINS**

Este trabalho consiste em uma Monografia e foi construído visando o cumprimento de requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras, Língua Inglesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus V*.

Orientadora: Prof^a. Dr^a. Alyxandra Gomes Nunes.

SANTO ANTÔNIO DE JESUS – BA

2022

FICHA CATALOGRÁFICA
Sistema de Bibliotecas da UNEB

S586e

Silva Júnior, Antonio Carlos Santos da

Entre Fronteiras: um estudo sobre procedimentos de tradução dentro da obra Here The Whole Time, de Vitor Martins / Antonio Carlos Santos da Silva Júnior. - Santo Antônio de Jesus, 2022.
68 fls : il.

Orientador(a): Profª. Drª. Alyxandra Gomes Nunes.

Inclui Referências

TCC (Graduação - Letras - Língua Inglesa e Respectivas Literaturas) - Universidade do Estado da Bahia. Departamento de Ciências Humanas. Campus V. 2022.

1.Tradução. 2.Procedimentos. 3.Literatura. 4.Here the Whole Time. 5.Contexto.

CDD: 428

ANTONIO CARLOS SANTOS DA SILVA JÚNIOR

**ENTRE FRONTEIRAS: UM ESTUDO SOBRE PROCEDIMENTOS DE TRADUÇÃO
DENTRO DA OBRA *HERE THE WHOLE TIME*, DE VITOR MARTINS**

Este trabalho consiste em uma Monografia e foi construído visando o cumprimento de requisitos para a obtenção do título de Licenciado em Letras, Língua Inglesa e Literaturas pela Universidade do Estado da Bahia (UNEB) – *Campus V*.

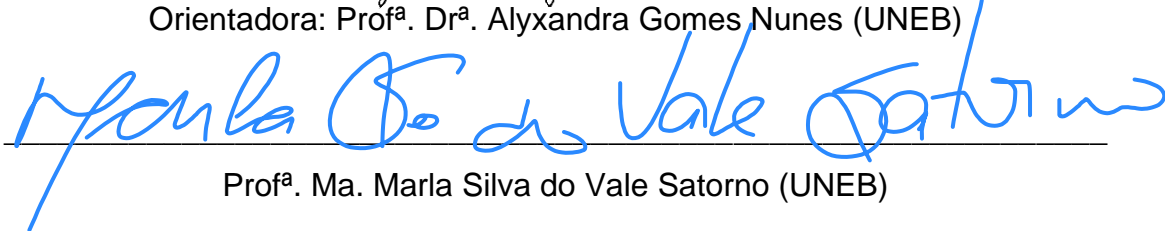
Orientadora: Prof^a. Dr^a. Alyxandra Gomes Nunes.

Aprovado em: 09 de dezembro de 2022.

BANCA EXAMINADORA



Orientadora: Prof^a. Dr^a. Alyxandra Gomes Nunes (UNEB)



Prof^a. Ma. Marla Silva do Vale Satorno (UNEB)



Prof. Esp. Paulo Henrique Santos Nunes (Faculdade Jardins – IPEC)

SANTO ANTÔNIO DE JESUS – BA

2022

Aos sonhos de liberdade, felicidade e aprendizagem que tanto permeiam minha mente dedico esta monografia. Que as diversas versões que fui e ainda serei saibam que nestas páginas reside mais uma conquista na jornada.

AGRADECIMENTOS

Ao longo de todo um processo de pesquisa e produção escrita – que por vezes pode ser tanto realizador e reconfortante quanto cansativo e angustiante – surgem pessoas que tornam a jornada bastante especial. Por tal razão, nesse espaço que praticamente abre meu trabalho, me sinto motivado e inspirado a tecer devidos agradecimentos a essas figuras tão notáveis.

E em que outro ponto começar a prestar reconhecimento senão com eles, que são o alicerce. O local e as pessoas com as quais tudo começou. Aqueles que fazem parte também do presente e nos quais eu penso quando imagino o futuro. Esse primeiro agradecimento vai para a minha preciosa família, que sempre buscou entender minhas escolhas de direcionamento e, a sua maneira, propiciar um ambiente equilibrado para a minha empreitada neste trajeto educacional. Agradeço profundamente a cada um de vocês, dos mais velhos aos mais novos, pois, se hoje sou quem sou e almejo sempre progredir não apenas por mim, mas por nós, devo muito a tudo que envolve o amor de vocês.

Aqui presto também gratidão a meus colegas de trabalho que, de forma geral, sempre expressaram seu encorajamento. Dentre eles, dirijo uma especial menção à minha amiga Jéssica Maria, cujo empenho, doçura e curiosidade sempre foram motivos de inspiração para mim. Agradeço sobretudo por ser minha ouvinte e leitora nos momentos mais aleatórios. Ouvir sua perspectiva sempre me enche de ânimo. Embora ache que você não faz ideia do quanto contribuiu e ainda contribui para a construção de minha confiança quanto as minhas próprias produções. Hoje estou revelando isso para você.

Sou grato ainda a Daniela Macedo, com a qual também divido minhas manhãs de trabalho e possuo essa bela relação de amizade. Você foi a pessoa que antes mesmo do meu ingresso oficial na instituição de ensino superior chamada UNEB, já estava torcendo por mim. Ao longo de todos esses anos repletos de imprevistos, você sempre persistiu em ser compreensiva e apoiadora, não importando os obstáculos. Hoje, em uma tentativa de externar e eternizar minha gratidão, deixo aqui para você essa breve mensagem, pois sua inteligência, resiliência, autenticidade e carinho sempre estão a me ensinar algo.

Essa relação faz este jovem adulto em formação que sou acreditar que, se existe sorte no mundo, eu, definitivamente, gastei toda a minha ao conseguir conquistar você como amiga.

Também dedico minha gratidão aos meus amados colegas de turma que também se tornaram amizades: Aleffe Araújo, Juliana Lima, Rayma Amparo, Naiara Quadros e Neuciele Sousa. Vocês sempre demonstraram suporte às minhas decisões, bem como consolo em meus momentos de dificuldade, e tudo isso por vezes aqueceu meu coração nos momentos mais necessários. A jornada de graduação, com toda certeza, não teria sido tão boa sem a presença de vocês. Volta e meia me pego refletindo sobre como o que aprendemos nos cursos ao longo da vida não envolve apenas uma relação professor-aluno, mas também uma exposição de habilidades entre discentes, pois é genuíno o reconhecimento de que me desenvolvi muito com as interações entre nossas competências e, sobretudo, com o constante exemplo de dedicação de nosso grupo. Agradeço a vocês por tudo, e, onde quer que estejamos, que isso nos leve aos nossos maiores objetivos de vida.

Nesta etapa agradeço ainda aos membros complementares de minha mesa na defesa do TCC, Marla Satorno e Henrique Nunes, por toda a sabedoria destinada em forma de um perfeito equilíbrio entre crítica e reconhecimento. Os conselhos de vocês se converteram em recursos essenciais para que este trabalho fosse refinado e finalizado com a qualidade que hoje ele carrega.

Múltiplos agradecimentos direciono às inspiradoras Ilmara Valois e Alyxandra Gomes, minhas professoras de ensino superior que constantemente – e sobretudo nesta fase de idealização e produção monográfica – buscaram atuar como pilares, de modo a propiciar forte encorajamento e proveitosas reflexões tanto sobre meu trabalho quanto a respeito de meus planos futuros. Sinto-me feliz por ter encontrado nessa trajetória acadêmica docentes tão verdadeiramente dedicadas, com visível paixão pela profissão que exercem.

E a todos os demais educadores que ao longo de minha vida me inspiraram e motivaram por meio de suas experiências e didáticas, um agradecimento especial. Embora aqui acabe por não citar nominalmente cada um, a contribuição de vocês está profundamente registrada na minha trajetória e refletida no que hoje consigo dar vida por

meio de minha escrita. Com carinho, peço que entendam a produção a seguir como um presente dedicado também a todos vocês, que tanto doam de si em prol de um exercício educacional que almeja ser sempre terno e capaz. Como um fruto desse processo, eu genuinamente desejo que vocês saibam que eternamente fazem parte da minha história.

“[...] Talvez seja bom começar algo, fazer uma escolha, como se estivesse tudo bem não ser perfeito [...]”

(SURMELIS, 2022, posição 2.534)

RESUMO

Este trabalho toma espaço na área da tradução literária, sendo conduzido como uma pesquisa exploratória, e consistindo em uma análise que compara os livros *Quinze Dias* (2017) e *Here the Whole Time* (2020) – versões de um mesmo trabalho do autor brasileiro Vitor Martins –, tomando como núcleo o material em língua inglesa – uma vez que este se trata do resultado de um ato de tradução –, e considerando partes selecionadas dos textos, enquanto procura-se por aspectos relacionados a procedimentos de tradução. Através de tais recortes, a pesquisa busca coletar observações e expor considerações sobre como o processo de tradução acontece. Objetivando atuar como um recurso que presta suporte ao esclarecimento de um processo possuidor de diversificadas nuances. Explorar os produtos contemporâneos aqui mencionados resulta em diferentes perspectivas quanto ao que ocorre com o texto quando um profissional o traduz, e revela ainda como essa tarefa é tanto relacionada a competências de estrutura linguística quanto conhecimento cultural. Ademais, fornece oportunidades de reafirmar a tradução literária não apenas como um popular e simplista método termo a termo, mas também como uma complexa atividade correlacionada a um trabalho criativo que demanda atenção, um constante processo de pesquisa e a consciência de que isso tudo leva a constantes tomadas de decisões.

Palavras-chave: Tradução; Procedimentos; Literatura; *Here the Whole Time*; Contexto.

ABSTRACT

This work takes place in the literary translation area, being conducted as an exploratory research, and consisting of an analysis that compares the books *Quinze Dias* (2017) and *Here the Whole Time* (2020) – versions of a same work by Brazilian author Vitor Martins –, taking by core the English material – since it is the result of a translation act –, and considering selected parts of the texts, while looking for aspects related to translation procedures. Through these excerpts, the research intends to collect observations and expose considerations on how the process of translation happens. Aiming to act as a resource to support clarification of a process that possesses diversified nuances. Exploring the early mentioned contemporary products result in different perspectives about what occurs with the text when a professional translates it and reveals how this whole task is both related to structural language skills and cultural knowledge. Besides, it gives opportunities to reaffirm literature translation not only as a popular and simplistic term-by-term method, but also as a complex activity correlated to a creative work, which demands attention, a constant research process, and the awareness that it all leads to a constant decision-making.

Keywords: Translation; Procedures; Literature; *Here the Whole Time*; Context.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1 – Capa do livro *Quinze Dias* 67

Figura 2 – Capa do livro *Here the Whole Time* 68

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	13
2 ALARGANDO O CAMPO DE VISÃO	16
2.1 O TRADUZIR	16
2.2 PROCEDER & SOLUCIONAR	22
3 DE QUINZE DIAS À <i>HERE THE WHOLE TIME</i>	33
3.1 ENREDO & PERFIS	33
3.2 METODOLOGIA	37
4 PRODUTO & PERCEPÇÃO	42
4.1 ESTRUTURAS	42
4.2 SEMÂNTICAS	50
4.3 TÍTULO, MENSAGEM & SENTIDO	58
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS	62
REFERÊNCIAS	65

1 INTRODUÇÃO

Os usuários de uma língua têm ao seu alcance toda uma base literária que, aliada aos seus conhecimentos de mundo e habilidades de leitura, os permitem viver diferentes experiências e acessar novas informações. Esse benefício passa a ter extensão ainda maior quando considerado o movimento de obras que constantemente entram no radar de outros países, através do fenômeno da tradução, contribuindo para que produções de um meio cultural possam emergir em outros espaços, com uma nova língua e com novos leitores.

Nessa perspectiva, embora seja bastante marcante perceber algo externo chegar, faz-se importante a percepção de que essa recorrente atividade – que é o ato tradutório – ocorre não apenas no sentido de vinda, com produções de fora sendo trazidas para dentro de um país, mas também no sentido de ida, quando, a título de exemplo, uma obra – geralmente popular – encontra espaço no mercado brasileiro e, dado ao seu impacto, torna interessante um efeito de expansão para tentar achar reconhecimento em mercados internacionais.

Here the Whole Time (2020)¹ é um fruto relativamente recente do processo aqui narrado. Trata-se de uma obra cuja trajetória envolve o livro em português, escrito pelo autor brasileiro Vitor Martins, sob o título de *Quinze Dias* (2017)², e que mais tarde foi trabalhado pela tradutora Larissa Helena, dando assim origem à obra em inglês mencionada inicialmente. Tal livro está posto como uma produção para o público jovem, mas aqui nesse espaço monográfico – atrelado a contribuições teóricas de diversos estudiosos, sendo alguns deles: Rosemary Arrojo (2007), Eugene Albert Nida (1982), Geir Campos (1986), Francis Henrik Aubert (1993), Anthony Pym (2017) e Heloísa Gonçalves Barbosa (2020) – o que esta peça da contemporaneidade oferece é uma razoável gama de materiais para estudos analíticos sobre tradução, justamente pelo fato de ter se originado desse processo.

Quanto a ação chamada de traduzir, podemos enxergar diversas direções, e é justamente por apresentar vários seguimentos e elementos que a visão quanto a essa

¹ Imagem da capa presente ao fim da monografia, sendo a Figura 2 na seção “Lista de Ilustrações”.

² Imagem da capa presente ao fim da monografia, sendo a Figura 1 na seção “Lista de Ilustrações”.

atividade – para quem a estuda e pratica – em dado momento progride de uma perspectiva mais simplista e até mesmo popular quanto aos envolvimento e procedimentos da prática e acaba por encontrar um trabalho que se mostra ainda mais complexo.

Ao propor uma tomada de reflexão, pode não ser difícil perceber um espaço interior criado e alimentado por *inputs*³ conceituais coletivamente difundidos que nos inclinam a enxergar o traduzir como algo apenas termo a termo e que tem por obrigação uma absoluta correspondência entre esses elementos. Isso, por sua vez, faz ser criada uma engessada expectativa quanto ao que entra em nossos meios literários por intermédio da tradução.

Mas será mesmo que aquilo que esperamos é de fato o que é obtido? Quais são alguns dos elementos encontrados e envolvidos no ato de traduzir que nem sempre são enxergados, mas dos quais muitos usufruem? Tendo estas inquietações sido estabelecidas, faz-se justo também questionar: partindo de um livro originalmente brasileiro como *Quinze Dias* (MARTINS, 2017), que se converte em uma obra internacional chamada *Here the Whole Time* (MARTINS, 2020), quais são as percepções que podemos ter ao propor uma análise que considera variadas facetas nas práticas de tradução, buscando entender mais da essência deste processo parcialmente desconhecido por alguns?

Um estudo que parte desta perspectiva abre espaço para objetivar andamentos que cumprem coletas de levantamentos teóricos e por sua vez propiciam um espaço analítico da obra capaz de destacar procedimentos técnicos atrelados a tradução. Isso leva a uma identificação do que se insere e exclui ao longo do contexto prático do ato de traduzir literatura e favorece o entendimento de conflitos advindos da interação entre duas línguas. Ademais, se tornam possíveis reflexões contextuais acerca de possíveis influências que impactaram o processo e uma compreensão do efeito que por vezes esse trabalho transitivo traz no teor de entendimento da história ficcional contada.

Metodologicamente falando, este processo se pauta em uma abordagem analítica que trata de explorar comparativamente o objeto traduzido, em um constante ato de retorno ao objeto literário de origem em busca de entender o que o material gerado conta

³ Termo do inglês que significa “entrada de informações”.

sobre seu processo, e quais seleções podem ser utilizadas como recorte para destacar as não linearidades de uma prática tradutória real.

O exame do objeto literário aqui apresentado caracteriza-se como uma execução exploratória, resultando em um aprofundamento que permite uma visualização de evidentes procedimentos e propiciando aberturas para pensar quem é o leitor, o que se entende por adaptação e até que espaço tem o elemento contexto dentro dessa discussão, revelando assim o que – a partir de determinadas análises – a obra pode nos mostrar a respeito de si mesma e do fator multifacetado envolvido nas práticas de tradução.

Estruturalmente, por sua vez, este estudo parte de uma base teórica, que na presente monografia estará reforçada na primeira seção, onde serão estabelecidas definições indispensáveis para a temática. Seguindo-a, uma maior contextualização será estabelecida, revelando o que é o objeto em análise, qual o seu enredo e o que o envolve. Estas serão algumas das contribuições na segunda seção. Finalmente, unindo o contexto e a teoria, a prática se fará presente na terceira seção, com algumas das mais relevantes informações coletadas no processo analítico do livro sendo trazidas à luz da discussão para serem explicadas segundo as suas semelhanças e diferenças (FACHIN, 2006, p. 40), enquanto busca-se esclarecer os aspectos contemplados nessa visão entre fronteiras.

2 ALARGANDO O CAMPO DE VISÃO

Quando se inicia uma saga a procura de conhecimento sobre um determinado tema, este momento é principalmente marcado por uma etapa conceitual, onde busca-se entender o macro para então adentrar nas subdivisões por intermédio das descobertas. É uma fase carregada de importância, pois pode caracterizar-se como fator determinante para os níveis de interesse acerca do assunto, enquanto soma para o estabelecimento de percepções mais realistas.

Rumo a este sentido, o fornecimento de apoio a tal demanda é a essência trazida na primeira seção do presente trabalho de pesquisa, cujo conteúdo é marcado pelo foco na desconstrução de uma visão simplista acerca do traduzir, abrindo assim caminho para a inserção de temáticas relacionadas à prática, com seus procedimentos tradutórios sendo utilizados para revelar múltiplas formas de atuação realizadas dentro deste projeto maior que é uma execução de tradução.

2.1 O TRADUZIR

Conexões entre as diversas partes do mundo e entre seus povos tendem a acontecer, e elas se dão em vários níveis, desde geográficos e financeiros, até culturais e linguísticos, mas para que isso aconteça existem fatores que trabalham nos bastidores, fazendo com que esses fenômenos de ligação entre grupos se tornem possíveis. Sendo, por exemplo, as criações de histórias e ideias verdadeiras fontes de riquezas produzidas dentro de uma comunidade, em muitos casos, fazem-se válidas as propostas para compartilhar tais produções e, em ocasiões como essas, a escala de distribuição que passa a existir pode até mesmo furar a bolha nacional como um resultado do ímpeto para que se torne permissível que uma obra veja outros países e que outros países a vejam.

Nessa empreitada aqui exemplificada, um dos principais fatores que torna possível a exportação de matéria intelectual chama-se tradução. Uma atividade que, por sua vez, é composta de inúmeras práticas que, como um todo, acabam por contribuir para a comunicação entre povos e suas culturas, ainda que em idiomas diferentes. Este ato aqui envolvido e chamado de traduzir é, em verdade, algo bastante recorrente em nossas

vidas. Existem, no entanto, aquelas facetas a respeito da área que não são tão popularmente conhecidas e, portanto, isso abre espaço para que alguns aprofundamentos possam ser realizados e isso contribua para que mais pessoas possam passar a enxergar a atividade da tradução com maior plenitude.

A percepção acerca de algo muitas vezes tem relação com seu conceito e, a depender do nível de conhecimento de cada um sobre um dado tema, é possível que haja variações. A respeito da tradução, como aqui viemos indicando, pode existir aquela parcela de indivíduos que a enxergam parcialmente, de forma que sua compreensão não contemple a vasta gama de perspectivas presentes ao considerarmos a variedade de estudos desenvolvida em torno da área.

O foco não abrangente de visão a respeito das práticas pode ser fator indutor para se pensar tradução como algo bastante linear, como se cada palavra em uma língua tivesse uma palavra igualitária de significado em outra, e isso bastasse para estabelecer uma tradução. Seria então apenas trocar um signo linguístico por outro correspondente no idioma desejado e isso, em tese, poderia ser o funcional e todo o necessário para o processo.

Nesse caso, teríamos então textos – o fonte e o já traduzido – com estruturas bastante parecidas e, se os colocássemos lado a lado, de modo a favorecer uma visualização paralela, seria possível identificar cada parte textual, palavra por palavra, e ver esses itens, ainda que de forma isolada, apresentando significados bastante correspondentes. A título de exemplificação, perceba o que acontece a seguir:

Você é deslumbrante.	→	<i>You are gorgeous.</i>
Você → <i>You</i>		é → <i>are</i>
		deslumbrante → <i>gorgeous</i>

Vendo esta frase estamos a presenciar uma forma de estrutura funcional em dois idiomas que acabou sendo perfeitamente literal, passando uma noção de linearidade. Ocasião e efeito que podem perfeitamente acontecer. Mas o que não podemos é jogar

para o esquecimento o fato de que nem sempre será assim, afinal, inúmeros fatores contribuem para que essa abordagem nem sempre funcione. Há diferenças a níveis morfológicos, sintáticos e léxicos que entram na equação e ficam evidentes no processo de traduzir. Além de que, sobretudo, as diferenças culturais trazem sua contribuição para a forma como um texto pode ser passado para um determinado grupo, e cada vez mais isso gera um fator oblíquo (CAMPOS, 1986), distanciando assim a estrutura entre os textos e deixando espaço para uma preocupação semântica.

A perspectiva literal não deixa de ter a sua parcela de conexão com o que é o traduzir, mas está longe de ser o suficiente para defini-lo. Inclusive, esse entendimento – que aqui consideramos fracionado a respeito do que é de fato a tradução – tende a criar um fator de expectativa bastante modelado. O que uma pessoa espera ver em um texto novo – que é resultante da tradução – pode, na verdade, representar apenas um dos aspectos do que de fato envolve o seu produzir.

É perfeitamente plausível esperar ver correspondências literais entre palavras ao considerar determinados textos em dois diferentes idiomas, mas o que acaba sendo enganoso, e potencialmente nocivo a esse desenvolvimento de concepção, é o ato de pôr o texto fonte em um pedestal (AUBERT, 1993, p. 53), como algo exacerbadamente prioritário, e com isso acabar por condenar uma tradução devido a alguns de seus aspectos de realidade, que surgem quando essa nova produção expressa o entendimento para com o seu novo público, por ser fruto do trabalho de um tradutor que leva sua ação principalmente neste sentido.

É preciso apontar a verdade aprofundada acerca desse processo que a tradução traz consigo. No fim das contas temos um contato cultural que levanta a forte necessidade de contextualização. Em verdade, o foco não é o texto. O traduzir é feito visando alguém, e essa consideração estrutural tem seu espaço que, sim, é realmente importante, mas o que não pode jamais ser deixado para cair no esquecimento é o fato de que, como bem nos lembra Campos (1986, p. 27), a tradução não é feita de uma língua para outra, mas sim de uma cultura para outra.

Quando esse ponto é levantado, o foco não é descreditar a forma de escrita e a linearidade inerente a algumas traduções. O objetivo é lembrar que a conexão que se busca estabelecer é dependente de uma série de observações de público. O autor cria

sua obra com suas palavras, expressões e, através delas, sua mensagem é expressada e desperta algum tipo de interpretação na mente de seu alvo. O que garante, no entanto, que meramente traduzir palavra por palavra vai proporcionar uma reação digna em um novo público quando uma tradução vier a existir?

É nesta tecla que Nida toca quando fala sobre uma mudança no teor de conceituação da tradução. A respeito do assunto ele diz:

The older focus in translation was the form of the message [...] The new focus, however, has shifted from the form of the message to the response of receptor. Therefore, what one must determine is the response of the receptor to the translated message. This response must then be compared with the way in which the original receptors presumably reacted to the message when it was given in its original setting⁴ (NIDA, 1982, p. 1).

Assim como um leitor que consome uma obra nativa de sua língua de origem pode experimentar sensações trazidas pelas mensagens do texto, um falante de outra língua também o pode, através de uma tradução. Isto, no entanto, requer um tradutor que conheça não apenas a cultura do idioma de partida, mas também possua profundo entendimento da cultura relacionada ao local de chegada deste novo objeto. Sua língua, seus costumes, e a partir disso desenvolva um trabalho que traga à tona a consciência de que povos diferentes expressam suas ideias de formas diferentes.

O que é considerado uma correspondência, portanto, pode acabar por não ser encontrado em uma forma de tradução literal, mas sim em uma obliquidade, que nada mais é que a não linearidade, algo também presente no processo de traduzir e que, em diversos momentos, acaba se provando concreto. Desse modo, para fins ilustrativos, tomando por inspiração o exemplo no início do parágrafo anterior, não soa plausível que, assim como aquele consumidor primário da obra original, o leitor de número um, tem sua necessidade contemplada, o segundo leitor presente nesse cenário figurativo, que é o consumidor de uma tradução, também possa ter o seu ponto de vista sendo prestigiado

⁴ “O antigo foco na tradução era a forma da mensagem [...] O novo foco, no entanto, mudou da forma da mensagem para a reação do receptor. Portanto, o que se deve determinar é a reação do receptor para com a mensagem traduzida. Essa reação deve então ser comparada com o modo como os receptores originais supostamente reagiram a mensagem quando esta lhes foi dada no seu formato original” (NIDA, 1982, p. 1, tradução nossa).

a tal nível que, quando pertinente, sua mensagem seja trabalhada para a sua própria realidade cultural?

Para responder esta pergunta vamos pôr em jogo algo relacionado ao nosso próprio contexto. No Brasil, fazemos uso da língua portuguesa, e em nossa cultura não é incomum que indivíduos usem a expressão “pode tirar o cavalinho da chuva” quando desejam indicar que algo tem possibilidade remota ou que até mesmo não tem chance de acontecer e deve ser esquecido por um segundo participante do diálogo. Veja o seguinte exemplo fictício que tenta traduzir uma frase com a expressão:

<p>Você quer que eu te ajude, mas <u>pode tirar o cavalinho da chuva.</u></p>	→	<p><i>You want me to help you, but <u>take the little horse out of the rain.</u></i></p>
---	---	--

Neste caso é perceptível a presença da tentativa forçada de utilizar os mesmos elementos da fonte. Um falante de língua inglesa, dentro de seu contexto cultural, não tem acesso a esta expressão da forma que aqui foi apresentada. Tentar se aproveitar das informações isoladas e pô-las em uma nova estrutura linguística sem avaliar os seus possíveis efeitos é um grande erro.

Essa exemplificação trazida parece no primeiro momento mostrar que a língua inglesa não consegue expressar tal forma de recusa, mas este definitivamente não é o caso. Cada idioma tem sua forma de expressar ideias e, no inglês, a semântica desta expressão apresentada anteriormente pode ser utilizada da seguinte maneira:

<p>Você quer que eu te ajude, mas <u>pode tirar o cavalinho da chuva.</u></p>	→	<p><i>You want me to help you, but <u>don't hold your breath.</u></i></p>
---	---	---

Note que, embora as palavras “cavalinho” e “chuva” não cheguem nem perto de serem mencionadas na tradução, a mensagem consegue existir. Aguardar em

expectativa é algo que o usuário de ambas as expressões não incentiva. Ao dizer para um brasileiro que tirar seu cavalo – que também serve como meio de transporte – do espaço chuvoso é o mais aconselhável, a mensagem subentendida é a de que o aguardo será longo e possivelmente interminável, resultando em uma má experiência para o animal. Da mesma forma, um falante de língua inglesa, em sua ansiedade para que algo aconteça, pode em resposta acabar recebendo uma mensagem que o diz para não segurar a respiração no andamento, pois as expectativas de retorno são baixíssimas e, como já imaginamos, executar este ato restritivamente respiratório no processo de espera não resultaria em um acontecimento agradável.

As formas de contar uma história podem apresentar algum impacto aparentemente divergente no primeiro momento, mas ao analisar o que está envolvido em realmente traduzir, pode ser surpreendente perceber o quanto algumas escolhas são válidas em prol da contextualização ao novo leitor. Isso pode resultar em um maior volume de interpretações, uma melhor fonte para identificação e, conseqüentemente, fazer com que mais pessoas ouçam a respeito e desejem consumir aquele determinado conteúdo que, por ter sido feito focando um novo público, acaba conversando bem melhor com essa comunidade. Assim então nos resta a pergunta feita anteriormente. É razoável que a realidade cultural seja um fator a se considerar no processo da tradução, trazendo o ponto de vista para ser tratado como relevante ao trabalho que surgirá?

A resposta para tal questão é evidente e positiva. Dentro de uma preocupação quanto a mensagem expressada existe também espaço para que, tanto quanto razoavelmente se mostre possível, esta seja contada de uma forma própria ao meio. Buscando, finalmente, causar ao público uma sensação de familiaridade onde, sim, este novo grupo pode até estar vendo o texto originado em uma outra cultura, mas suas mensagens são trazidas de uma forma inclusiva, o que envolve o fazer da tradução.

Para isto, no entanto, a expertise do profissional da tradução é imprescindível, uma vez que ele estará constantemente confrontando os aspectos linguísticos e culturais envolvidos em seu trabalho, tomando decisões (ARROJO, 2007) para contornar enxurradas de ruídos, ou seja, aquilo que pode comprometer a recepção da mensagem e que pode estar presente em uma tradução (CAMPOS, 1986), dificultando o processo que visa estabelecer uma ponte para o ato de comunicar.

Trabalhar com tradução é, portanto, uma tarefa de constante reflexão, onde referências existem e são checadas, coincidências estilísticas têm seu espaço, mas o principal foco será estabelecer uma visão do significado tentando se pôr na ótica do novo público-alvo. Assim a semântica pode ser trabalhada da forma mais adequada para tentar aproximar as produções na devida medida, sendo sempre alinhada ao leitor vigente, pois o contexto é, verdadeiramente, um aspecto de suma importância.

Estes pontos colocados aqui são uma forma de chamar a atenção para o fato de que a tradução tem um espaço mais profundo. Ela possui aspectos que em alguns casos não são vistos, mas ao alargar nosso campo de visão quanto a esta forma de arte, um novo horizonte envolvendo tal prática torna-se acessível e, por sua vez, isso ajuda os interessados a desenvolverem um nível de entendimento quanto a um novo assunto que não é alheio a sua própria existência, mas sim um elemento extremamente presente na contemporaneidade e que, em algum momento e em dado nível, beneficia a muitos. A proposta e, principalmente, os meios como a tradução se dá acabam por criar novas percepções quanto ao próprio idioma fonte e o idioma alvo no processo em andamento, e é justamente isso o que veremos a seguir.

2.2 PROCEDER & SOLUCIONAR

Assumir uma visão analítica é um passo importante e favorável para os estudos em diversas áreas, incluindo tradução. Sob este viés, buscar identificar formas de categorizar os processos aplicados acaba sendo esclarecedor em certos aspectos. Primeiramente, no espaço proposto para este trabalho, isso nos ajuda a perceber como as estruturas se comportam em outras línguas, podendo a partir daí ser criado um estado de consciência quanto às semelhanças e divergências dos aspectos linguísticos. Para além disso, existem também elementos culturais que podem influenciar na linguagem, pois, de certo modo, tudo está conectado. Logo, buscar entender variados aspectos do que compõe um texto e dar atenção para tentar encontrar soluções de tradução é bastante do trabalho de um tradutor.

Um constante esforço existe para que a atividade flua e para que se alcance o escopo (*skopos*), isto é, o propósito desse traduzir como um processo para a

comunicação. Algo que envolve flexibilidade para lidar com as demandas de cada trabalho (PYM, 2017). Nessa empreitada pelo produto do ato tradutório, profissionais se valem de diversas abordagens diferentes para proceder, e isso permite que sejam levantadas algumas percepções acerca das línguas e do que envolvem as inúmeras tomadas de decisões de um tradutor.

Como bem nos lembra Nida (1982, p. 3): “[...] *each language has its own genius* [...]”⁵. Sabendo disso, é perceptível que existe então uma necessidade voltada para a consciência de que as formas de trabalhar vão variar, uma vez que as características de cada língua e os elementos presentes ou ausentes nelas acabam por originar diferentes naturezas, ou seja, diferenças sistêmicas (PYM, 2017, p. 43).

Através dessa percepção, os elementos chave desse trabalho, chamados de procedimentos técnicos da tradução, podem finalmente ser apresentados. Estes sendo conceitos trazidos pelos linguistas franceses Jean-Paul Vinay e Jean Darbelnet (1995), e que ao longo do tempo vêm sendo analisados, discutidos e incrementados por demais estudiosos da área. Tais elementos são tentativas de categorizações que tocam no íntimo do fazer tradutório, desse modo representando o constante encontro de consequências e o recorrente processo de estudo para a tomada de direcionamentos dentro das produções, pois traduzir envolve conhecer.

Com alguns dos mais relevantes dentre esses objetos sendo expostos adiante, poderemos então observar e compreender as literalidades ou obliquidades dos processos de modo talvez revelador para alguns e, finalmente, nos aprofundar na pluralidade inerente ao trabalho de traduzir.

O primeiro dos procedimentos a ser apresentado é o da tradução literal, e este talvez seja o que mais está internalizado na consciência de grande parte das pessoas. Justamente o que envolve as conformidades entre diferentes idiomas e acaba permitindo uma constante troca de palavras entre língua-fonte e língua-meta, mantendo assim uma efetiva correspondência e uma sensação semelhante quanto aos significados em ambas as versões. O exemplo a seguir ilustra o caso:

⁵ “[...] cada língua possui sua própria personalidade” (NIDA, 1982, p. 3, tradução nossa).

O ar estava frio.	→	<i>The air was cold.</i>				
O → <i>The</i>		ar → <i>air</i>		estava → <i>was</i>		frio → <i>cold</i>

Note que, estruturalmente falando, tudo parece colaborar. A própria sequência de elementos apresentados em ambos os idiomas segue a estrutura de artigo → substantivo → verbo → adjetivo. Desse modo, cada palavra posta, como visto acima, tem sua direta semelhança semântica para com a palavra paralela. Este tipo de procedimento é mais comum em ocasiões que duas línguas são relativamente próximas na grande raiz que é a história dos idiomas. Por apresentarem características não tão distantes, em dados momentos, podem surgir semelhanças estruturais e significativas, criando um espaço favorável para uma abordagem literal.

De modo similar, em algumas situações, certos termos podem ser vistos como compostos, e suas composições podem ser trabalhadas de um modo a encontrar correspondências semânticas na língua-alvo. Por fim, uma vez que todos os termos necessários são identificados, os elementos são arranjados de forma que façam sentido e, finalmente, consigam expressar um significado plausível, dando origem ao que chamamos de decalque. Acontece da seguinte forma:

<i>Do you play <u>crosswords</u>?</i>	→	Você joga <u>palavras cruzadas</u> ?
<i>cross</i> → cruzar		<i>words</i> → palavras

Como é possível observar por meio dos itens acima, ao fazer uma análise da palavra em destaque na frase em inglês, e então destrinchar seus elementos, chegamos a dois núcleos de informação que puderam ser compreendidos como matérias utilizadas para a construção de algo maior. Partindo dessa observação, podemos avançar e

perceber que cada um dos termos possui uma palavra correspondente na língua alvo e, por sua vez, estas podem ser diretamente trabalhadas para oferecer um efeito semântico semelhante ao do objeto completo no ponto de partida.

Já uma outra forma de atuar chama-se empréstimo e constitui um efeito bastante conhecido por alguns. Quando palavras soam estrangeiras, são estrangeiras em suas fontes, mas seu uso é “aportuguesado”, então elas se tornam mais possíveis de serem vistas e entendidas, já que, em essência, a proposta é pegar um termo e fugir o mínimo possível da sua estrutura escrita, estabelecendo assim um efeito de cognato. A título de exemplo, observemos os seguintes objetos:

<p><i>Do you provide <u>delivery</u> service?</i> → <i>Você oferece serviço de <u>delivery</u>?</i></p>

Muitos casos assim já se naturalizaram, e este apresentado acima se caracteriza como uma ocorrência relativamente recente. À medida que os avanços tecnológicos em inúmeras vertentes vêm se desenvolvendo e as demandas da sociedade por praticidade relacionada ao consumo vêm aumentando, cada vez mais os serviços de entrega foram encontrando seu espaço e sendo implementados por inúmeras empresas e profissionais autônomos.

Chegamos ao ponto em que essa forma de extensão do atendimento ao cliente se expandiu e aliou-se a tecnologias de comunicação, e isso, por sua vez, deu origem a um curioso caso de uso coletivo de termo para se referir ao serviço popularizado. Hoje é mais do que comum encontrar pessoas que se referem a serviços de entrega como *delivery*, e embora este termo tenha sido adotado a partir de influências da língua inglesa, quanto mais ele se naturaliza no aspecto cotidiano e da fala do brasileiro, mais ele se torna pertinente para o uso no aspecto da escrita, sobretudo quando voltado ao público popular.

Agora em direção a um procedimento que traz características capazes de despertar certo nível de surpresa, chegamos à amplificação, onde as diferenças entre língua-fonte e língua-alvo se expõem a nível quantitativo, por meio do número de termos para compartilhar mensagens em certas ocasiões, como vemos a seguir:

You muzzled him?

→

Você pôs uma focinheira nele?

No trecho acima, o elemento em destaque “*muzzled*” deriva da palavra *muzzle*, que dentro de suas opções de significado possui o termo focinheira. Sabendo disso, agora observamos que nesta situação ela está posta tanto em função verbal, quanto tensionada para o pretérito, o que indica que o item correspondente está envolvido em uma ação passada. Logo, no contexto da frase, uma focinheira foi posta, e para expressar esse mesmo sentido em língua portuguesa são necessários mais elementos textuais se compararmos ao que acontece na língua-fonte, que aqui é a inglesa.

Nessa exemplificação, um único verbo, quando traduzido, torna-se um conjunto de três palavras composto por um verbo, um artigo e um substantivo. Isso a priori pode causar estranhamento quando percebemos a extensão textual comparando ambos os lados. No entanto, acaba sendo uma ocorrência possível e até comum, uma vez que palavras podem realmente carregar um significado que, quando expressado, despejam uma carga de informações. Isso, ao ser traduzido para um outro idioma que possui elementos mais separados para expressar essa mesma ideia, acaba levantando a necessidade de uso para mais termos.

Finalmente, entendendo este conceito, fica fácil de apontar que, no sentido oposto, um procedimento chamado de condensação também existe. Através dele, seguindo a premissa do elemento apresentado anteriormente, há uma contagem de termos diferente ao observar o fruto de uma tradução. Neste caso, no entanto, o quantitativo é diminuído. Além disso, de forma semelhante ao exemplo observado, não ocorre uma manifestação em detrimento da semântica. Podemos apontar que embora haja um desbalanceamento numérico, isso é meramente um efeito que pode vir a acontecer na superfície textual, e que, apesar dele, em termos interpretativos, a mensagem é capaz de conservar sua semelhança entre língua-fonte e língua-alvo.

Seguindo, temos a explicitação, que atua como um proceder relacionado a elementos que não estão diretamente visíveis. Quando uma construção é feita no texto, ela pode ser trabalhada de forma a trazer informações, ainda que estas não sejam ditas

diretamente. O tradutor, no entanto, pode, por alguma razão, considerar interessante a exibição destes elementos, sobretudo se julgar que o leitor poderia se beneficiar com a revelação destes objetos invisíveis na superfície do texto. Para entender, chequemos o seguinte caso:

<p><u>O professor</u>, sendo jovem e inexperiente, decidiu recusar a <u>promoção</u>.</p>	→	<p><i><u>The teacher</u>, being a young and inexperienced <u>man</u>, decided to refuse the <u>job promotion</u>.</i></p>
---	---	---

Aqui nos destaques vemos dois exemplos onde algo interno foi externado. No primeiro caso sublinhado temos um conjunto de elementos formado por um artigo e um substantivo. Unidos eles vêm a ser o sujeito da frase, na forma de “O professor”. Quando consideramos o seu possível correspondente em tradução, podemos esperar “*The teacher*”, e isso é justamente o que recebemos. No entanto, ainda em referência a carga semântica relativa a esse trecho, algo mais é entregue quando no meio da frase percebemos o elemento textual “*man*” em destaque. Esta palavra vem, de forma oportuna, para especificar algo que poderia ficar em aberto.

Quando consideramos o português, tanto o artigo quanto o final de algumas palavras têm a tendência de nos indicar gênero. No inglês, no entanto, isso acaba sendo menos comum, o que pode gerar uma não-especificidade. Como ato resolutivo, o que nossa tradução do exemplo mostrado acaba fazendo é, por meio da revelação do termo “*man*”, explicitar o fato de que “*teacher*”, neste caso, se refere exclusivamente a um indivíduo do sexo masculino.

Já ao fim do enunciado, mais uma vez nos é entregue uma dose extra de informação que antes estava implícita. No cenário da frase, pelo fato do contexto se tratar de uma ocasião com um professor – que é uma profissão –, fica subentendido que a promoção mencionada se refere justamente a uma forma de ascensão na hierarquia trabalhista. Mas é justamente buscando não deixar dúvidas que o texto traduzido traz a construção “*job promotion*”. O que estreita a gama de opções para interpretação, garante

uma especificidade através do ato de ser explícito e, conseqüentemente, o entendimento da mensagem é cada vez mais assegurado.

Por fim, em relativa harmonia com este tipo de entendimento observado, mas dessa vez seguindo o lado contrário – que traz uma ideia de informações visíveis sendo ocultadas –, temos o procedimento chamado de omissão. Este sendo o conceito paralelo que se opõe ao elemento apresentado anteriormente, por avaliar componentes do texto e, quando julgado como plausível, acabar por banir da área superficial uma peça que antes poderia estar presente.

Existe ainda aquele procedimento cujo efeito se torna mais perceptível mediante um conhecimento morfológico, pois a diferença não está necessariamente ligada a quantidades de termos ou grandes entradas e saídas de elementos na superfície do material a ser lido. Em dados casos o que ocorre está ligado ao procedimento da transposição, pois o acontecimento se liga muito mais com a categoria gramatical das palavras trazidas ao enunciado. Por exemplo:

David disse isso tudo <u>relutando</u> . → <i>David said it all <u>reluctantly</u>.</i>
--

O destaque acima aponta uma discreta diferença. Os termos da frase são proporcionais em quantidade e há até mesmo um paralelismo entre eles, no entanto, observando a última palavra de cada sentença, percebemos que, apesar de terem uma mesma raiz – que é o verbo relutar –, os termos possuem características funcionais diferentes que os categorizam como pertencentes a grupos gramaticais não igualitários em comparações entre si.

Na frase em português, o termo “relutando” é um verbo, que neste caso indica uma ação de agir com hesitação, resistência ou até mesmo teimosia. Já em observação ao outro lado, vemos que o termo final no trecho em inglês nos traz um advérbio, o que significa dizer que seu efeito principal aqui é, por definição, dependente. Este componente está aqui para modificar o verbo “said” que surge pouco antes no enunciado.

É verdade que, de todo modo, seu efeito recai ainda sobre o sujeito – “David” – trazido na construção da frase, e que, de forma semelhante, quando comparamos os

efeitos trazidos por cada uma das palavras em destaque para o enunciado, ainda temos a interpretação de alguém que, na cena, está atuando com efeitos de relutância. Aqui neste caso, no entanto, a observação do fenômeno é sobre seus efeitos categóricos. Com isso, não há como negar que, entre si, as classes gramaticais que fecham as frases acima se diferem, gerando, portanto, um efeito transposto.

Por outro lado, é possível também que a mudança ocorra não necessariamente relacionada a categorias dos termos de forma individual, mas sim voltado às construções em um bloco de ideias, afetando a forma como este é apresentado no contexto trazido. Quando algo assim ocorre, é possível que estejamos a contemplar uma modulação, como ocorre no trecho traduzido a seguir:

Não é nada difícil.

→

It's too easy.

Do ponto de vista literal, nada parece estar certo na tradução acima. Na percepção interpretativa, no entanto, embora se valendo de palavras relacionadas a conceitos opostos, podemos perceber a direção semelhante para a qual ambos os enunciados apontam. Diminuir a percepção de dificuldade de algum evento ou atividade é facilmente a missão de qualquer uma dessas construções. Ao ouvir que algo “não é nada difícil”, automaticamente somos levados a crer que então se trata de uma situação muito fácil. E vice-versa, pois o que é fácil demais, em nossa concepção, não é dificultoso.

Podemos argumentar desse modo que há níveis de percepção para esses procedimentos tradutórios vistos aqui. Alguns nos levam a pensar no nível mais superficial do texto, no sentido da literalidade ou da observação morfológica, já outros, como a modulação aqui apresentada, por exemplo, nos fazem perceber que transmissão de mensagens vai além do termo a termo, podendo uma troca considerável de visão ocorrer e, ainda assim, um conjunto textual atuar de modo eficiente em uma equilibrada e semelhante transmissão de sentidos em relação ao seu material base.

Ainda outra prática possível na tradução envolve e, de modo bastante apropriado, se chama equivalência. Este é um procedimento que leva muito em conta o contexto dos ambientes de comunicação e, conseqüentemente, aspectos culturais do público alvo,

voltando seu foco para o interpretativo. Com um uso de termos que isoladamente parecem distantes da mensagem fonte, o tradutor consegue criar um resultado equivalente, pois, em verdade, ao aplicar esta técnica, está se atentando ao efeito de significado dos enunciados de modo conjunto. Por exemplo:

<p><i>Don't even try!</i> <u>Sticks and stones.</u></p>	→	<p>Nem tente! <u>O que vem de baixo não me atinge.</u></p>
---	---	--

Nos trechos destacados acima se apresentam expressões de tradução não literal, mas a mensagem por traz de seu escrito é semelhante para ambos os públicos em suas determinadas línguas. “O que vem de baixo não me atinge” é uma comum expressão utilizada para indicar um estado quase que inabalável em certos contextos. Uma vez que colocações que buscam a ofensa podem ser ignoradas, essa é a mensagem que, em parte, expressa o ato de desconsiderar o improdutivo e, possivelmente, pejorativo. De modo equivalente, o provérbio “*sticks and stones may break my bones, but words will never hurt me*”⁶ produz um efeito de resistência acerca de determinados ataques verbais. A principal parte da mensagem em língua inglesa é comumente cortada, mas o significado já fica subentendido para seus usuários e ouvintes.

Ainda nesse nível de preocupação contextual e significativa, existem ocasiões em que um elemento – como um ser, uma situação, um objeto ou até mesmo uma atividade – não faz parte da realidade do público novo. Em casos assim pode ser pertinente aplicar o procedimento da adaptação para garantir um efeito que possa ativar algum senso de identificação no público-alvo.

Além disso, de modo relativamente mais livre, temos este mesmo procedimento sendo ligado a uma abordagem que envolve considerar contexto e significado, prevendo os impactos e optando por um direcionamento que melhor se adeque ao objetivo delineado para um projeto. Isso por encontrar, dentre possibilidades relativamente

⁶ Em livre tradução, o trecho diz: “paus e pedras podem quebrar meus ossos, mas palavras nunca vão me machucar”.

dissemelhantes, mas ainda assim válidas, a que mais agrade ao serviço de substituir. Para trabalhar uma forma de entender tal procedimento, atente-se a seguinte simulação:

<i>Have you watched <u>Squid Game</u>?</i>	→	Você assistiu <u>Round 6</u> ?
--	---	--------------------------------

Este é um exemplo bastante contemporâneo e trabalha com o foco em estabelecer uma conexão por meios titulares. No cenário apresentado temos os termos “*Squid Game*” e “*Round 6*” em destaque. Ambos são títulos destinados a uma mesma série de sucesso do ano de 2021. O objeto em destaque na primeira frase é a nomenclatura oficial e de uso mais abrangente para essa produção, que é de origem sul-coreana, e faz menção a um jogo infantil comum da cultura correspondente. Para muitos nativos dessa nação o título escolhido faz todo o sentido. No entanto, quando consideramos uma possibilidade de uso deste termo no Brasil, podemos argumentar que o impacto não seria o mesmo.

Apenas o nome “*Squid Game*” não traz conexão titular com uma de nossas brincadeiras, e até quando consideramos simular uma tradução dos termos, chegamos a algo como “Jogo da Lula”. Este resultado, no entanto, especificamente em cenário brasileiro poderia acarretar referências políticas e erroneamente induzir a percepção de espectadores em potencial, os levando a relacionar a série com uma figura pública bastante conhecida no nosso país. A associação, neste caso, fugiria totalmente da essência do projeto, que é a história que a série conta a partir de seus elementos constitutivos.

Mediante este cenário, e tendo a perspectiva do Brasil, podemos presumir que a alternativa encontrada pelos responsáveis da produção foi não utilizar o termo “*Squid Game*” na totalidade dos casos, mas sim adaptar o título para “*Round 6*” quando pertinente, pois, desse modo, a titulação faria uma referência ao sexto *game*⁷ e, em consequência, ao claro fato de que existem seis jogos propostos na trama, sendo assim algo mais geral e entendível para o público que desconhece os aspectos da cultura sul-coreana.

⁷ Palavra do inglês que significa “jogo”.

Além disso, dentro do enredo da série, esta sexta fase se trata da brincadeira a qual o nome “*Squid Game*” se refere. Ou seja, este sexto momento também acaba sendo o próprio desafio competitivo que dá nome a produção audiovisual. O que faz com que, indiretamente, ao usar “*Round 6*” como título regional, a série ainda esteja fazendo referência ao enredo que está reservado para as etapas finais da trama de competições. Sendo apenas uma outra forma de estabelecer a alusão. Forma esta que, sim, traz seus impactos ao não deixar a referência tão clara, mas quando consideramos o ponto de vista de um público externo ao país de origem, a nomenclatura inicial de qualquer modo já não despertaria as sensações de identificação esperadas e vividas por um nativo sul-coreano. Logo, tanto quanto possível, decisões precisaram ser tomadas visando o que razoavelmente se espera do projeto.

Este tipo de escolha até certo nível é opcional, mas o que busca-se trazer desse modo é um maior impacto por meio de fatores que deixam os indivíduos melhor situados, devidamente focados nos elementos que são pertinentes e, por sua vez, pode influenciar nos níveis de interesse para com a obra em foco. Isso ajuda a abrir espaço para um desejo de consumo que, naturalmente, está relacionado a intenção dos projetos, afinal, ao possuir um bom trabalho moldado através de todo um esforço analítico, subentende-se um desejo de reconhecimento. Algo que não necessariamente vem de formas oralizadas todo o tempo, mas que diversas vezes acaba por se mostrar em forma de estatísticas positivas e, no fim das contas, denotando apreciação ao resultado final que foi produzido.

Tais aspectos das práticas de tradução que aqui foram apresentados são uma forma de explicitar o caráter múltiplo deste fazer profissional e o fator extenso das características idiomáticas existentes e perceptíveis por meio dos procedimentos. Por sua vez, a visão acerca de tais elementos pode revelar várias facetas avaliáveis e ajudar a promover estudos na área, abrindo espaço para ampliar cada vez mais a compreensão em torno das línguas, culturas e do processo de comunicação.

3 DE QUINZE DIAS À HERE THE WHOLE TIME

Este que se segue é um espaço reservado para a obra que estará em análise, com o devido tratamento que permitirá a percepção de questões circunstanciais ao longo da parte final desta monografia. Para tanto, a seção trará uma contextualização do objeto escolhido e sua versão original – respectivamente, os livros *Here the Whole Time* (MARTINS, 2020) e *Quinze Dias* (MARTINS, 2017).

Por fim, tendo em seu segundo momento uma virada de curso no sentido metodológico, esta parte se encerrará em uma busca por explicar o terreno conceitual em que a análise da parte seguinte acontece, abrindo finalmente espaço para a observação prática e de base material autêntica que toma forma nas páginas posteriores deste trabalho monográfico.

3.1 ENREDO & PERFIS

Em um cenário onde as lutas identitárias têm se desenvolvido, espaços de fala para grupos antes fortemente silenciados pela opressão vêm crescendo, e com isso, diversas formas de expressão se mostram possíveis nas empreitadas movidas por tais causas. Ainda que em meio a conflitos para conquistar um tão sonhado espaço de igualdade, vozes são cada vez mais percebidas, sejam elas realmente trazidas em formato oralizado, através das falas de representantes ativistas engajados e dos membros dessas comunidades que compartilham suas experiências, ou ainda em formatos visuais e textuais, como é o caso de registros fotográficos, produções de vídeo e materiais escritos que cada vez mais profundamente vão ao cerne das questões e trazem ao conhecimento a realidade de figuras que sempre estiveram aqui, mas viviam presas e escondidas por correntes e celas de preconceito.

Válida é a menção da grande comunidade de pessoas que se identificam como pertencentes aos grupos contemplados na sigla LGBTQIAPN+ e acabam por encontrar direcionamentos de estigma em vários lados de sua sociedade. Isto sendo um impacto da ação de pessoas que não se atentam de forma devida à pluralidade das identidades de gênero e orientações sexuais (COLLING, 2018, p. 52), e acabam se apegando em

sua própria intolerância quanto as visões que fujam da heteronormatividade e do padrão cisgênero hegemônico.

Indo além, pessoas que fujam de características físicas que, via de regra, são apreciadas, também recebem sua dose de rejeição. As formas são muitas e as características estigmatizadas também, e dentre elas o fator peso é um dos mais julgados. Tanto é verdade que o termo gordofobia tem estado envolvido em vários espaços de discussão da atualidade, sendo utilizado para referenciar o “repúdio ou aversão preconceituosa [...] de pessoas que julgam o excesso de peso e a obesidade como um fator que mereça seu desprezo [...]” (ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS, 2020).

Muitas são as formas e espaços de ataque e muitos são os grupos que são afetados por estes movimentos de repressão. Há, no entanto, modos de se abrir a discutir tais ocorrências através de recursos disponíveis a cada um. Sendo assim, ainda que haja uma força contrária tentando perpetuar uma padronização que silencia a diversidade, lutas são travadas para que isso não aconteça, e nelas, alicerces de suporte comunicativo existem.

Dentre essas formas de apoio que formam pilares de uma construção tão necessária à sociedade, encontra-se a literatura, pois é também por meio dela que o conhecimento se organiza e se espalha para as massas. Alcançando diretamente leitores ávidos, ou ainda indiretamente ouvintes presentes nos arredores dos pontos onde essa influência criada pelos escritos chega a tocar. Imprescindível aqui é perceber que, seja com um perfil biográfico ou ainda ficcional, é perfeitamente possível utilizar deste braço do desenvolvimento humano para contar ao mundo as vivências e necessidades existentes de um público. Combatendo a ignorância que muitas vezes acaba sendo um dos combustíveis para o preconceito e, conseqüentemente, para a opressão.

A obra mencionada no título desta monografia é um exemplo destas imposições. Um livro que é resultado de um processo de tradução, mas que, para isso, precisou que seu material fonte existisse, e isto se deu em território brasileiro. Em meio a um espaço onde existem rejeições, mas em efeito contrário também existem lutas, e estas são fenômenos que geram conquistas, das quais as obras do autor Vitor Martins, bem como

muitas outras, beneficiam-se enquanto também trazem contribuições por enriquecer o espaço com diversidade literária.

O criador de *Here the Whole Time* (2020) é um ilustrador, tradutor e, naturalmente, escritor brasileiro que pertence à comunidade *gay*. Com seu livro lançado no ano de 2017, chamado *Quinze Dias*, ele teve a oportunidade de, através da ficção e sob o selo da editora Globo Alt, escrever sobre temas de relevância na atualidade, em uma categoria demográfica que atinge principalmente o perfil de público dos jovens adultos (também chamado de “YA” (*Young Adults*)).

Anos mais tarde, estes escritos viram negociações serem levantadas e oportunidades de publicação surgirem em territórios internacionais. Assim, em 2020 o livro do autor recebeu oficialmente sua versão em inglês, feita pela profissional brasileira da tradução Larissa Helena, e sua publicação realizada nos Estados Unidos pela *PUSH* – grupo pertencente a editora *Scholastic* – é hoje um dos objetos apresentados nesta monografia.

Em termos de enredo, as vertentes da obra (em português sendo *Quinze Dias* (2017) e em língua inglesa sendo *Here the Whole Time* (2020)) tratam de nos apresentar uma narrativa através do ponto de vista do personagem protagonista chamado Felipe. Um jovem de 17 anos que constantemente vê suas características físicas relacionadas ao peso sendo usadas como material de escárnio, sobretudo por parte de colegas de escola. Sua realidade o faz desenvolver inseguranças que ele carrega ao longo de anos, e quando finalmente ele sente que poderá ter um respiro trazido pelas férias escolares no meio do ano, acaba descobrindo que mesmo estando isolado em sua residência, ainda terá de lidar com a socialização. Isso porque uma pessoa com quem ele costumava ter contato vai acabar passando parte do recesso em sua casa.

A preocupação é não apenas desencadeada por conta de suas já enraizadas inseguranças, mas também pelo fato de que aquele indivíduo, que se chama Caio, é alguém por quem o personagem principal nutre secretamente um interesse amoroso, mas cuja relação no passado foi cortada justamente por conta dos conflitos de autoaceitação do protagonista. Dado o cenário, no entanto, Felipe não tem alternativa senão receber o jovem, mas isso também significa 15 dias de um constante processo de repensar e enfrentar suas inseguranças, através de diálogos, novas interações e

embates que fazem o protagonista ir em direção a uma reflexão sobre o que o faz ser corajoso, ao mesmo tempo em que entende inúmeros outros aspectos a respeito de si mesmo e do mundo que o cerca.

Com um ambiente que traz personagens diversos, Martins tenta expressar através de suas linhas narrativas inúmeras temáticas que são pertinentes, e que sobretudo os jovens deveriam perceber e se sentir tocados a refletir sobre. Como o próprio temor em assumir publicamente verdades sobre a sexualidade, o constante julgamento de pessoas, a forma como enxergamos e nos posicionamos quanto a isso, e ainda o fato de como as influências que geram impactos negativos para a confiança e para a socialização se encontram em diversos espaços, inclusive onde deveria ser o âmbito de morada da educação e da consciência.

Esses objetos que se refletem na obra mostram-se pertinentes, principalmente quando consideramos os resultados de estudos realizadas pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatísticas (IBGE) em sua Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar (PeNSE) do ano de 2019. Onde, dos jovens estudantes de 13 a 17 anos que foram abordados, cerca de 21% revelaram não sentir que a vida vale a pena. Além disso, nessa mesma condição estatística, foi de 23% a taxa de alunos que reconheceram ter sofrido recentemente com algum tipo de situação que podemos caracterizar como vertentes de *bullying*. Sendo a aparência do corpo e a cor ou raça fatores de destaque dentre as três maiores grandezas motivacionais demonstradas nas ocasiões.

Se a busca tem como norte um espaço por aceitação, é mais do que urgente a necessidade de conversas sobre temáticas de combate à intolerância em suas muitas frentes. Mensagens precisam chegar para pessoas em variadas idades e, sobretudo, para jovens que passam por este momento de transição para a fase adulta e descobrem muito a respeito de si mesmos. Promover uma forma de reflexão que possa envolver as pessoas é um projeto que depende de recursos, e neste espaço entram os produtos literários, pois através deles a capacidade de identificação é estimulada e um alto nível de envolvimento pode vir a ocorrer.

Vitor Martins, com *Quinze Dias* (2017), e mais recentemente com *Here the Whole Time* (2020), contribui para alguns destes espaços de diálogo por criar enredos e personagens que vivem conflitos e passam por histórias que estão relacionadas a lutas

que não são apenas brasileiras. Esse produto escrito, em suas diferentes versões linguísticas, vem da vivência humana e da necessidade de se expressar. São uma forma de arte que está dentro de um ciclo. Elas alimentam por suprir uma necessidade das comunidades em se verem representadas, e, ao mesmo tempo, são um resultado dessas investidas por um espaço de expressão. O referido autor entende isso, e faz questão de declarar, pois em seus agradecimentos, ao fazer menção as pessoas engajadas na luta pelos direitos da comunidade LGBT, ele diz: “[...] Se hoje eu posso publicar um livro sobre dois garotos que se apaixonam, devo tudo isso a vocês [...]” (2017, p. 207).

Para os fins do presente trabalho, este é o contexto que necessitava de apresentação, uma vez que em breve ele estará sendo referenciado por meio de recortes. Aponto que tal escolha do *corpus*⁸ foi guiada por fatores pessoais, aliado ao cumprimento de requisitos quando consideradas as necessidades de material de análise em uma proposta temática de tradução.

A seleção de obra passou por algumas opções que apresentassem tanto vertentes em língua inglesa quanto em português brasileiro. O livro lançado no ano de 2020 por Martins, no entanto, se destacou como foco entre as escolhas não somente por seus aspectos de representatividade, mas também por se tratar de um escrito com bases de originalidade brasileira.

Isso traz ao fim esta subseção, onde deixo um encorajamento de teor ativo aos leitores deste tratado acadêmico. A partir do que já foi apresentado anteriormente e em exemplificação ao que será visto na seção a seguir, digo ser totalmente possível estabelecer um processo de substituição do livro envolvido na análise, abrindo espaço para estudo de produções diferentes, caso lhe pareça interessante realizar uma análise própria, e assim tornar ainda mais prática e pessoal a proposta apresentada neste trabalho de monografia.

3.2 METODOLOGIA

Em meio a estudos e atuações profissionais sobre tradução, eventualmente ocorrem certas particularizações conceituais relacionadas a dois aspectos que, por

⁸ O objeto ou conjunto de objetos que serve de material base para um estudo levantado.

vezes, são referidos como apenas um, e assim é conferido um caráter mais específico para a dada ação em andamento. Estas visões apresentam-se, sobretudo, como estando relacionadas ao ponto inicial do objeto trabalhado e, em essência, essas distinções residem na natureza do direcionamento, podendo, ocasionalmente, serem tratadas de modo nominal como traduzir ou verter um texto.

Para entender tais concepções é possível partir de uma simulação. Neste caso, imaginemos um tradutor brasileiro que se encontra na atuação de um projeto. Se o material inicial é um escrito de língua estrangeira e o objetivo do tradutor é trazê-lo para a sua própria língua materna, trata-se de uma tradução. Cenário no qual o material produzido se direciona para um local linguístico onde o profissional possui domínio nativo. Ademais, no que tange o aspecto de conhecimento quanto a ambientação, levemos em conta que a língua existe e se amarra à uma cultura. Logo, nesse seu contexto de trabalho, por se tratar de um foco em seu local de origem, o tradutor terá ao seu dispor um extenso conhecimento cultural, o que o confere uma maior segurança para gerar um objeto harmonioso ao público.

Já no sentido oposto, se o material base consiste em um texto da língua nacional e o objetivo é gerar uma produção em outro idioma, trata-se de uma versão. Em casos assim é especialmente desafiadora a tarefa de produzir a naturalidade em longos escritos com diversas expressões e claras referências. Justamente por esta razão que, sobretudo neste cenário, acaba sendo de extrema importância que o tradutor possua um profundo conhecimento não apenas da língua, mas também da cultura alvo, buscando utilizar este seu vasto conhecimento para criar um texto coeso e coerente para toda uma nova gama de pessoas.

Dado ao *corpus* adotado para o presente trabalho acadêmico – que possui origens nacionais e manuseio profissional brasileiro por parte da tradutora –, já é possível concluir que estamos prestes a contemplar um objeto vertido do português para o inglês. Isso, no entanto, não significa dizer que os preceitos aprendidos sobre o traduzir são descartados. Pelo contrário, pois, mediante as ideias levantadas até este ponto da produção monográfica e reforçadas em ambos os recentes esclarecimentos sobre os atos de versão e tradução, é possível observar a existência de algo essencial em qualquer que seja a modalidade. E isto se trata de um conhecimento que sai da estrutura do texto,

enxerga o ambiente do objetivo de chegada e se utiliza desse reconhecimento para modelar o texto.

Esse caráter semelhante permite que, a partir desse momento, façamos uso de um artifício de generalização. Para tanto, até que esta monografia seja finalizada, o termo tradução será adotado de forma abrangente para abraçar ambas as perspectivas de trabalho – verter e traduzir. Além disso, buscando evitar confusões no entendimento, aponto que, deste instante em diante, quando o termo versão for usado, estarei me referindo aos diferentes trabalhos em diferentes línguas, a exemplo das variantes em português e inglês de um texto qualquer. Tendo estas considerações sido colocadas, o esclarecimento metodológico para as análises pode se seguir a partir de um ponto chave.

Dado o entendimento de que a tradução não apenas envolve literalidade, quais são alguns dos elementos que podemos encontrar na superfície do livro *Here the Whole Time* (MARTINS, 2020) que nos ajudam a perceber diferentes aspectos a respeito de um processo de tradução literária, dando espaço para perceber formas de procedimentos existentes nesse ato de traduzir?

A partir de tal dúvida um cenário de discussão se desenha de forma ainda mais objetiva, com um indicativo de vertente sendo apontado e nos permitindo focar em que tipo de tradução está sendo prestigiada na análise que vem tomando forma. Afinal, perceber a natureza do texto e entender as suas demandas traz implicações quanto a forma de enxergar o material que está sendo visto e como ele precisa tocar o outro lado. Isso, por sua vez, é extremamente necessário ao trabalho do profissional das palavras.

O andamento das discussões até o momento se dera de forma mais aberta, visando compreensões que tocam múltiplos âmbitos. A partir daqui, no entanto, dado ao *corpus* literário selecionado para o estudo acadêmico, o conceito de tradução passará a se afunilar, aqui sendo entendido em relativo à sua categorização, conforme aponta Britto ao dizer que:

[...] tradução literária: é a tradução que visa recriar em outro idioma um texto literário de tal modo que sua literariedade seja, na medida do possível, preservada. Isso significa que a tradução literária de um romance deve resultar num romance; a de um poema, num poema. Significa que a tradução de um texto que provoque riso no original deve provocar o riso em seu leitor; que a tradução de um poema cheio de efeitos musicais, como padrões rítmicos e rimas, deve conter efeitos semelhantes ou de

algum modo análogos; que a tradução de uma peça teatral que represente fielmente a maneira de falar de pessoas de classe média na cultura de origem deve representar de modo igualmente fiel a maneira de falar de pessoas de classe média na cultura do idioma da tradução. Significa também que a tradução de um texto considerado difícil, espinhoso, idiossincrático e estranho em sua cultura de origem deve ser um texto que provoque as mesmas reações de perplexidade e estranhamento no público da cultura para o qual foi traduzido; e que a tradução de um texto considerado singelo e de fácil leitura pelos leitores da língua-fonte deve resultar num texto que seja encarado como igualmente simples pelos leitores da língua-meta (2012, p. 47-48).

Tal visão é um direcionamento que levamos em conta por seu caráter equilibrado e realístico. Não se espera que um texto perca sua essência no processo de traduzir. Para isso, o que o material é em sua proposta categórica inicial se mantém. Além disso, ainda existe o caráter da construção que muitas vezes também importa, e denota significado. Atentar-se a isso e buscar trazer ao ponto de vista do leitor-meta uma atmosfera acolhedora e, tanto quanto possível, equiparada a base, ainda que a partir de um escrito surgido em contextos de diferença, é a constante luta do tradutor literário.

Vale lembrar, contudo, que já dentro de um processo de tradução, o que surge nem sempre facilita o estabelecimento das mais absolutas correspondências, mas o tradutor está sempre em busca daquilo que, em sua concepção profissional, mais importa, tentando tanto quanto possível criar um poema, romance ou o que quer que seja, de forma a considerar um balanceamento entre as demandas de um novo público e os aspectos mais possíveis e necessários de serem trazidos.

A partir dos procedimentos de tradução, que foram alguns dos componentes apresentados até o atual momento, visões quanto a produtos traduzidos e quanto aos seus processos podem ser percebidas. Não é, no entanto, um “receituário” em uma busca pela perfeição (BARBOSA, 2020, p. 134) que se apresenta aqui. As categorias exploradas funcionam como tentativas de percepção a partir de fenômenos encontrados em um processo de comparação.

As observações e evidências da presença destes elementos em um texto ajudam sobretudo a pensar nos ruídos do processo e nas tomadas de decisão, juntamente com seus reflexos. Todavia, o encontro desses em uma obra não é engessado. São, na verdade, variáveis, assim como cada objeto traduzido ao qual tentam representar. Não

existindo, portanto, fórmulas, mas sim um constante desafio de escolhas a partir de itens de pluralidade, que são os textos.

Tendo consciência desta visão, a presente monografia se constrói sobre uma base de execução exploratória, seguindo o examinar de um objeto, que aqui é literário e contemporâneo, considerando aspectos que são relativos ao mesmo (GIL, 2002, p. 41) e que apresentem plausível relevância na construção de suas linhas. Isso, por sua vez, faz-se por meio de uma seleção, que desde o princípio se volta ao não literal.

Mediante um processo que começa na leitura, direciona-se para a reflexão e trata de momentos de caráter comparativo fazendo uso do *corpus* – aqui o livro *Here the Whole Time* (MARTINS, 2020), em constante retorno de consulta ao seu material de origem, que é o livro *Quinze Dias* (MARTINS, 2017) –, inúmeras notas e considerações se formam. Pontos estes que têm seu destaque sinalizado, mas que também demandam uma garimpagem figurativa. Um viés de afinamento que fortaleça o poder de escolha e abrace a demanda de responder à pergunta principal, cumprindo assim uma missão. A proposta de mostrar aspectos através dos resultados de um produto traduzido, e com isso ressaltar a tradução para além da literalidade.

Os recortes trazidos na seção à frente são, portanto, alguns dos exemplos tirados de ambas as representações linguísticas do livro proposto para análise, e que, dentre dezenas de outros trechos, mais se destacaram para a tarefa de terem procedimentos da tradução apontados em si. A partir deles, observações serão estabelecidas, com um representante de cada lado das versões textuais estando posto de forma paralela ao outro, e com uma sequência comentada sendo trazida em proximidade a cada um desses espaços de observação. Um momento reservado aos resultados perceptivos e analíticos que contribuem para enxergar que o traduzir passa não apenas pela estrutura do idioma, mas também por um todo maior e diverso chamado cultura (BRITTO, 2012, p. 14).

4 PRODUTO & PERCEPÇÃO

O que pode ser encontrado nas construções textuais de um livro traduzido, sobretudo quando posto em paralelo com seu material fonte, nos ajuda a analisar e perceber de forma ainda mais genuína o processo da tradução e os procedimentos que o envolvem. Tendo isto sido posto, através dos elementos teóricos vistos até este ponto do presente trabalho, uma relação será estabelecida com a obra cujas intenções de análise também foram externadas.

Desse modo, à frente se encontra um espaço de reflexão e resultado, onde percepções poderão ser trazidas à luz do exposto e suas características poderão ser utilizadas para reforçar visões quanto à teoria vista e quanto à tradução em geral, por intermédio de uma peça literariamente genuína e contemporânea.

4.1 ESTRUTURAIS

Os trechos seguintes se referem a cenas de momentos semelhantes, porém em versões diferentes – inglês e português – da obra *Here the Whole Time* (2020), de Vitor Martins. Através de uma observação do fenômeno da tradução nesses trechos, alguns destaques foram feitos e, por meio de estruturas tabelares, estes serão utilizados aqui lado a lado com o livro *Quinze Dias* (MARTINS, 2017) para, novamente, pontuar procedimentos que constantemente estão envolvidos em processos de tradução. Dessa vez, porém, o olhar se vira para obras publicadas. Aqui nesta subseção inicial, o momento é de dar atenção a recortes cuja presença dos efeitos observados voltam-se ao estrutural, como poderemos constatar.

Já a partir desse primeiro conjunto de frases trazidas abaixo se torna possível perceber um efeito na categoria gramatical que por vezes ocorre no processo tradutório. O fenômeno que aqui chamamos de transposição. Neste momento que se segue, podemos observar como a presença do procedimento no trecho vem de modo sutil e que isso não ocorre em detrimento do significado. Observemos com atenção os destaques:

<p>“— Bom dia. Tem tinta no queixo. Mas tá linda mesmo assim — eu respondo <u>com pressa</u> enquanto → como um sanduíche de queijo e procuro minhas chaves”. (MARTINS, 2017, p. 9)</p>	<p>“<i>Good morning. You have paint on your chin. But you look beautiful, anyway,</i> <i>I say <u>hurriedly</u> as I grab a cheese sandwich and look for my keys</i>”. (MARTINS, 2020, p. 3)</p>
---	--

No primeiro exemplo dado temos uma locução adverbial sublinhada. Este elemento é composto pela preposição “com”, seguida do substantivo “pressa”, e conjugados eles trazem um significado que se aplica a algo, intensificando o tom de urgência. Neste caso, o elemento modificado é o verbo “respondo”, que passa a expressar a ideia de uma fala com projeção veloz em seu ritmo.

Esse mesmo efeito é recuperado quando a produção em língua inglesa tem seu espaço. No entanto, dessa vez o que antes era uma construção múltipla, acaba tendo sua execução sendo passada através de um único objeto, que é o advérbio “*hurriedly*”. Em ambos os casos o efeito é trazido para o objeto verbal que precede, mas esse sutil nível de mudança no perfil categórico de elementos, indo de locução adverbial à advérbio, nos permite entender que o objeto foi transposto, como uma consequência do processo de tradução.

Indo para além de termos isolados, partes mais extensas de um discurso podem também sofrer mudanças que afetem a nível visual, mas, semanticamente – quando se considera o resultado interpretativo para o enredo –, ser possível julgar uma semelhança de mensagem. Em casos assim, é possível ver uma modulação na estrutura. Os exemplos com sublinhados a seguir nos mostram isso dentro da trama do livro:

<p>“[...] Sento no chão porque parece o certo a fazer. Nosso sofá florido foi a cama de Caio na última noite e não quero que ele <u>pense que estou invadindo seu espaço</u> [...]”.</p> <p>(MARTINS, 2017, p. 25)</p>	→	<p>“[...] <i>I’m sitting on the floor because it feels like the kind thing to do. Our floral couch was Caio’s bed last night, and I don’t want him to <u>feel like I’m not respecting his space</u> [...]”.</i></p> <p>(MARTINS, 2020, p. 27)</p>
--	---	---

Nos pontos chave desses trechos temos tanto uma troca de verbos, quanto uma troca de forma. A palavra “invadindo” cedeu espaço para “*respecting*”, bem como “*feel*” tomou o lugar de “pense”. Palavras que em diferentes contextos podem resultar em distintas interpretações. Aqui, no entanto, como em breve perceberemos, o resultado interpretativo conjunto é o mesmo.

Para além dessas substituições, tivemos um movimento do trecho em destaque, que antes era afirmativo e na versão inglesa recebeu status de negação. Esses aspectos, no entanto, não irão moldar o significado do enredo de forma a desvirtuá-lo. Muito pelo contrário, pois a visível intenção em ambas as frentes é passar a ideia de que o personagem reflete acerca do seu possível ato e das consequências trazidas na percepção de um outro indivíduo.

Tal leitura nos deixa ver que uma visão aponta para a outra. No contexto, o que pode se sentir envolve também um pensamento interpretativo da situação. Ademais, invadir é o mesmo que não respeitar, e, por sua vez, esse desrespeito pode ser mostrado em forma de invasão territorial. Logo, se um reflete o outro e ambos apontam no mesmo sentido, com diferentes posturas, o produto desse fragmento é um objeto modulado.

É possível ainda encontrar no livro existências de trechos que concatenam informações em um espaço menor de caracteres. O que contribui para uma estrutura reduzida do corpo textual, por funcionar como um efeito de condensação dos dados apresentados. É o que ocorre a seguir:

<p>“— Quer dizer então que você é o tipo de pessoa que gosta mais do filme do que do livro? — Caio diz com um tom julgador (<u>só que de brincadeirinha</u>)”.</p> <p>(MARTINS, 2017, p. 39)</p>	→	<p>““So you’re the kind of person who likes the movie better than the book?” Caio asks with <u>mock</u> judgment in his voice”.</p> <p>(MARTINS, 2020, p. 47)</p>
--	---	---

O foco no recorte sendo tratado leva ao efeito simplificativo na construção. Como pode ser observado na última linha do exemplo trazido em língua portuguesa, o trecho se conclui estabelecendo uma extensão perceptiva acerca do elaborado de fala imediatamente anterior. O personagem da cena externa uma pergunta que pode passar a ser vista como um discurso de julgamento. Isso, no entanto, pode ser aliado a recursos vocais, como a entonação, para aplicar efeitos que impactem na percepção de um ouvinte.

Estando lendo, naturalmente a vocalização não é algo proporcionado pelo escrito. Ainda assim, recursos de escrita podem ser utilizados para guiar a mente do leitor a entender estes efeitos e trabalhar sua interpretação e imaginação ao nível de conseguir entender que o diálogo estabelecido traz algo mais.

Neste momento da história o interlocutor não está criticando com aspereza, mas sim utilizando de pontos apresentados para levantar um questionamento que traga potencial argumentativo para aquele momento de interação. Para tanto, ele faz isso de modo a estabelecer um ar relativamente cômico na conversa. Por sua vez, o conjunto de elementos utilizados em português para modelar a atmosfera do contexto se encontra entre parenteses, deixando claro que a fala tem caracterização que pende para “brincadeirinha” em seu aspecto intencional.

No total, em língua portuguesa, quatro palavras são utilizadas para construir adequadamente essa percepção acerca do que foi declarado. Esses elementos estão postos de forma quase que externa à linha pós fala, uma vez que esse trecho final, ainda que envolvido, vem entre caracteres especiais que indicam um comentário extra.

Quando nos atentamos para a versão de língua inglesa, no entanto, a existência de informações reunidas entre parênteses não é notada. Com esse resultado perceptivo, ao buscar na construção algo que transmita o sentido trabalhado no material base, percebemos sem muito esforço que o termo “*mock*” – mesmo consistindo em apenas uma palavra e estando posicionado em uma parte quase que central da oração – é que agora carrega, de modo condensado, a função modeladora que antes era distribuída entre vários elementos, pois o seu sentido aqui é justamente o de apontar a não autenticidade de intenções depreciativas por parte do falante.

Já no sentido oposto de procedimento, também é possível encontrar ocorrências. Quando o caso se faz existente, o que era menor em extensão estrutural se alarga em comparação a um primeiro estado, podendo ser nomeado de amplificação. O seguinte recorte do livro ilustra o conceito através de um trecho curto, porém efetivo em papel de objeto para observação:

“[...] Saio do quarto [...]”.
(MARTINS, 2017, p. 32)

→

“[...] I walk out of my bedroom [...]”.
(MARTINS, 2020, p. 37)

O que é apresentado nesta totalidade da versão brasileira é uma construção de três palavras. Mais especificamente, e de modo destacado, acima temos o verbo “saio” que dá início ao recorte. O que está envolvido em seu significado, no entanto, é melhor percebido quando notamos o que a tradução originou. Quase como se o objeto – que aqui é a palavra – tivesse sido destrinchado e assim dado existência as três partições da versão estrangeira.

Na cena temos um personagem que narra sua ação atual. Esse momento envolve deixar um recinto, mas dizer isso traz ao menos três aspectos que em inglês acabam sendo representados justamente por três palavras. Iniciando de forma mais central, temos a ação de se locomover, que neste caso é em caminhada. Por esta razão, o que se apresenta na nova versão é a palavra “*walk*”.

Para além disso, o movimento acontece em algum sentido, e observando o que foi construído na versão base, podemos claramente dizer que este ato vai em direção a um espaço externo. Tal representação do significado é expressada ao complementar o texto com a palavra “out”, gerando assim um *phrasal verb*⁹ que se aproxima ainda mais do sentido que precisa ser transmitido.

Por fim, há ainda a necessidade de determinar um esclarecimento quanto ao praticante da ação. Com isso, percebendo a conjugação do verbo na versão em português fica claro que, embora não esteja visível na superfície textual através de um pronome ou substantivo, o sujeito da ação pertence a posição de primeira pessoa do singular. Esse efeito oculto é comum no português, mas evitado em inglês, o que faz com que na versão traduzida o pronome “I” esteja visivelmente presente.

O resultado é, então, um conjunto trazido por um efeito amplificador da estrutura textual. No entanto, em ambos os lados das versões, embora com extensões diferentes de caracteres, temos uma mesma base de significados. O que nos traz a visão de um personagem que fala de si mesmo, contando sua presente ação de movimentar-se em sentido externo a sua localização atual.

Finalmente, quando elementos trazem uma carga muito própria e difícil de ser expressada de forma objetiva através de outro termo, para solucionar a situação, pode ocorrer uma transferência, também chamada de empréstimo, como é o caso do exemplo abaixo. Contudo, para além disso, existem casos em que uma carga de informação extra, que chamamos de explicação, pode ser trabalhada para melhor contextualizar aquele objeto. No nosso livro analisado temos:

⁹ A união de um verbo com uma (ou mais) preposição ou advérbio, proporcionando um retrabalho de significado.

<p>“[...] eu não fico surpreso quando Caio me diz que hoje vamos a uma <u>festa junina</u>”. (MARTINS, 2017, p. 111)</p>	<p>→</p> <p>“[...] I’m not all surprised when Caio tells me we’re going to a <u>Festa Junina</u>. <u>If you’re not familiar, Festa Junina is a nationwide tradition in Brazil that celebrates the harvest. There are parties and festivals all throughout the month of June, and everyone dresses up in country-style costumes and eats all kinds of delicious food</u>”. (MARTINS, 2020, p. 146)</p>
--	---

Ao menos três considerações podem ser feitas a partir desses recortes. A primeira refere-se ao nome da festividade presente em ambas as versões. Sabemos que a Festa Junina é um costume bastante típico entre muitos brasileiros. Isso pode refletir tanto na forma de vivência de alguns, de modo a fazer com que exista uma atividade participativa em espaços com eventos assim, ou ainda pela forma de consciência, por não exatamente estar dentro dos ambientes de comemoração, mas saber que eles existem, sentir seus efeitos sociais, econômicos e culturais no período do ano em que isso ocorre, além de compreender exatamente o que está envolvido nesse momento.

Qualquer que seja o perfil do envolvimento, sendo brasileiro, fato é que o indivíduo muito provavelmente conhece esse costume anual. Por outro lado, fora do Brasil, a depender do local, esse costume pode ser bastante desconhecido. Indo ainda mais a fundo, pode ser que indivíduos de uma outra cultura nem sequer tenham uma fácil titulação que corresponda ao evento brasileiro. Dificultado assim a tradução em padrões literais. Para casos assim, uma transferência se mostra plausível.

Isso é justamente o que acontece no exemplar dado, pois é nítida a necessidade da tradutora em mostrar este elemento cultural, e isso resulta em sua decisão de transferir, de forma bastante direta a forma como comunicamos quando em referência a esta festividade. Aqui neste ponto não vemos ser dito “Junina Party” ou “Junina

Celebration” ou ainda “Junino Festival”. O que acaba sendo empregado é o termo “Festa Junina”, que, claramente, acaba sendo a referência titular completa praticada por brasileiros.

Isso, no entanto, nos leva para um segundo ponto de consideração. A decisão de retirada da referência ao mês de ocorrência. Como podemos acompanhar no trecho de língua portuguesa, a escrita usada primariamente é “festa *julina*”, e isso, conforme trabalhado um pouco mais à frente na história do livro, se dá pelo fato da festa não estar sendo realizada no sexto mês do ano, como é de costume, mas sim no sétimo. Logo, o mês de julho é diretamente referenciado ao mencionar aquela festividade na cena em específico.

Para leitores estrangeiros, no entanto, devemos lembrar que, por si só, os trechos em língua portuguesa já devem causar estranhamento, e possivelmente confusão, já que, como mencionado anteriormente, não são todas as culturas que conhecem essa prática. Sabendo disto, já é um exercício de esforço trazer para a mente do novo leitor esse apego à percepção do objeto como algo a se imaginar a partir daquela leitura.

Fazer isto, e ainda demandar que eles entendam uma segunda informação incorporada à principal seria ainda mais custoso. Dessa maneira, nesse primeiro momento a informação referente ao mês parece ter sido removida do contexto. Todavia, deve ser apontado que, em posição semelhante em relação a versão brasileira, no parágrafo seguinte o leitor logo recebe o informe quanto ao cenário periódico da festividade ao qual os personagens se referem. Sendo assim, inicialmente a referência se foi, mas para termos de enredo, o entendimento e a construção no imaginário continuam levando na mesma direção, e neste caso sendo ainda mais claro, por apresentar ao leitor – que possivelmente nunca ouviu falar dessa comemoração – uma forma base, seguindo como é comumente nomeada no Brasil.

Por fim, como terceira consideração existe a clara distinção de extensão no parágrafo trazido em recorte. Esta parte é evidente como um processo de explicação que vem para sanar qualquer tipo de questionamento inicial que o leitor possa ter a respeito do já citado termo, que para eles pertence ao exterior. Uma contextualização válida para, na medida do possível, tentar equilibrar as recepções de leitores estrangeiros em relação a dos leitores brasileiros, e que foi satisfatoriamente realizada dentro do universo de

possibilidades relativas à trama, pois a tradutora se vale do recurso de personalidade do protagonista para trazer este arranjo.

Felipe é não apenas o personagem principal da obra, mas também o próprio ponto de vista e fornecedor de informações ao longo da história. Fazer breves inserções de dados na narrativa, em meio a diálogos, é exatamente o que o personagem costuma fazer. Sendo assim, ao realizar essa movimentação para explicar o fenômeno das festas juninas, ao novo texto é conferido uma gama informativa que, mais do que interessante, pode ser considerada até mesmo vital para o processo de boa leitura do novo público, e tudo é bem desempenhado, pois a execução se dá de forma bastante fluida, assegurando um ar de naturalidade para a produção.

Esses são alguns dos trechos encontrados ao longo da obra que transparecem algumas das modalidades de procedimentos mais voltadas para a estrutura do objeto textual. Ao longo do livro exemplos assim podem ser observados e isso nos ajuda a entender melhor algumas transformações por vezes não tão literais. Aspectos que, ao bater do olhar, inicialmente podem parecer conflitantes, mas, em verdade, são meras consequências do processo.

4.2 SEMÂNTICAS

Para além dos objetos vistos na subseção anterior, em nossos materiais literários de análise existem também possibilidades de recortes com maior relação relativa de proximidade ao teor adaptativo, com alguns impactos semânticos, sejam na estrutura da história ou na percepção do leitor. Esse compilado de objetos é o que veremos no andamento da presente subseção.

De início, já é pertinente apontar que nem todos os resultados são sempre positivos para a proposta do contexto. Por exemplo, em alguns casos a escolha de esclarecimentos trazida por meio de um processo de explicitação acaba por ser algo por demasiado revelador. Isso, quando a cena idealiza causar confusão, pode acabar indo em direção oposta e acabar por desarmonizar o que antes era a clara missão construída. Note a seguir:

<p>“— Acho que podemos <u>dividir</u> — digo de repente, sem contexto algum, porque tenho as mesmas habilidades sociais que um ralador de queijo”. (MARTINS, 2017, p. 26)</p>	→	<p><i>“I think we should <u>split the list,</u> I say suddenly, without any context, because I have the social skills of a cheese grater”.</i> (MARTINS, 2020, p. 29)</p>
---	---	---

Enquanto que existe uma percepção mais clara em um desses exemplos, também existe aquele que possui um proposital aspecto menos específico. A título de esclarecimento, esta cena se trata de uma parte do capítulo chamado “Day 2”, onde dois garotos se voluntariam para uma ida às compras. Esse processo, por sua vez, envolve uma lista dos itens necessários para aquela ocasião.

No momento de início do recorte visto acima os personagens já se encontram em posição de iniciar a parte central de sua saga, e então vem a sugestão por parte de um deles – o protagonista –, que, conforme passamos a acompanhar, tenta sugerir que a lista de compras seja dividida e a tarefa seja executada separadamente entre ambos para que se torne mais ágil. Isso é o que nos leva ao trecho visto e também o explica, mas há algo mais que precisa ser observado e interpretado.

Na cena em questão, Vitor Martins – o criador – buscava empregar o artifício da confusão, por fazer parecer que a declaração não foi específica e clara. Isso, no entanto, acaba não convencendo o leitor atento da versão inglesa. Esta falha se dá porque ao dizer que “*the list*” é o objeto para a ação de “dividir” – ou “*split*” neste caso – a tradutora acabou revelando não ter captado a essência, ou ao menos não ter parado para refletir tão profundamente em sua própria decisão. O que a teria levado a perceber o impacto de seu elaborado. Uma simples alternativa como “*I think we should split it*” já seria razoável para a situação, pois manteria a essência do momento.

Notemos que o pontuado aqui não é que o texto precisa ser extremamente literal. O que afirmo é que a construção da cena dependia desse tom de confusão para ser convincente. Era um dos núcleos para o contexto. Com a escolha feita, no entanto, ainda que algum personagem finja sentir traços de confusão no discurso, aquele que lê pode

vir a pensar: “por que ele está achando confuso? Está bem óbvio do que se fala”. Desse modo, o texto não segue a cena, e isso sim, em dado nível, pode ser considerado uma falha.

Por outro lado, certas escolhas de um indivíduo responsável pela tradução podem se mostrar acertadas, e, por vezes, de fato se mostram, com isso revelando ter potencial para carregar uma mensagem que vai para além do recorte trazido referente à cena. Para entender, leia e, sobretudo, perceba as partes sublinhadas:

<p>“[...] Sei que existem <u>peessoas</u> no mundo com problemas muito maiores que os meus [...]”. (MARTINS, 2017, p.1)</p>	→	<p>“[...] <i>I know there are</i> <u><i>plenty of people</i></u> <i>in this world</i> <i>who have much greater problems</i> <i>than I do <u>here in Brazil</u> [...]</i>”. (MARTINS, 2020, p. 1)</p>
---	---	--

Observemos que a presença do componente quantificador na versão em língua inglesa é um fato e, à primeira vista, em pontos semânticos, a mensagem parece ter sido afetada. Afinal, a função do elemento inserido “*plenty of*” é justamente intensificar a percepção quantitativa do substantivo “*people*”, mas ele não está diretamente escrito na versão brasileira. Entretanto, quando tentamos perceber os termos utilizados, pode-se argumentar que as grandes proporções ficam subentendidas na versão brasileira, algo que, de certa forma, já nos leva ao indicativo de uma quantidade grande de indivíduos.

Podemos pensar da seguinte maneira: é de conhecimento comum o fato de que problemas marcam presença, apresentando-se em diferentes tipos, níveis e em praticamente todos os espaços, independentemente do país. Logo, quando o texto fala sobre pessoas que têm problemas, e não são especificados quais, assumimos uma interpretação geral e pensamos em uma grande parte da população. Então, neste caso, quer seja escrito “pessoas” ou “muitas pessoas”, o resultado interpretativo do leitor provavelmente acabaria sendo bastante semelhante, ou seja, a mensagem está subentendida. Quando a tradutora, por sua vez, busca trazer um elemento que intensifica e escreve “*plenty of people*”, com base nas considerações levantadas acima, é possível

enxergar a ocorrência de uma explicitação, uma vez que a profissional julgou pertinente e trouxe para a evidência algo que apenas estava implícito.

Ainda nesta linha de procedimento, podemos também notar a presença do trecho “*here in Brazil*” ao fim do conteúdo traduzido. Essa aparição nos permite levantar ao menos duas hipóteses. Para chegar nelas é preciso lembrar que a obra fonte do livro tem origem em cenário brasileiro, e uma vez que o livro é traduzido e chega a novos mercados, a realidade é que novas pessoas vão consumi-lo, mas nem todos vão se atentar as suas origens. É natural e certo para nós, primeiros leitores da base, pensar que o personagem em cena é brasileiro. Na verdade, é quase que óbvio dado o país onde o livro se origina, no entanto, a menos que isso esteja claro dentro de algum momento do enredo, boa parte dos novos leitores não se atentaria ao fato de que esta obra vem do Brasil, pois possivelmente nem iriam até as referências para checar a procedência.

Esse fenômeno acontece, e na verdade é bem comum, porque ao ler um livro, para alguns, fatores de nacionalidade não despertam interesse, seja isso no que se refere aos personagens, ao autor ou ao tradutor. De todo modo, uma vez que o livro está traduzido, com ou sem esta informação, o leitor consegue consumir a obra. Isso, no entanto, pode não satisfazer plenamente quem está envolvido na produção do texto, pois a nacionalidade é também um elemento identitário. Se algo é produzido em um local, isto é parte de um legado cultural, logo, nada mais justo que haja um reconhecimento, e isso acontece, em dado nível, quando a origem de um material é conhecida por uma vasta multidão, pois mais pessoas terão conhecimento acerca das produções culturais daquele determinado povo, de seus potenciais e de suas marcas de representatividade. Dessa maneira, nossa primeira hipótese é que podemos enxergar a explicitação do país de residência do personagem – e, de forma dedutiva, também de seu local de origem – como uma forma da tradutora chamar a atenção para o país-fonte e sua cultura, provendo créditos para a mesma por indiretamente dizer: *Made in Brazil*.

Isso ainda nos leva a pensar a nível interpretativo, isto é, sobre como a percepção do leitor quanto a história pode ser afetada por essa pequena aparição de palavras. Uma vez que cada um vive dentro de um meio cultural, as atitudes e ideias daquele meio lhe soam de uma determinada forma. O ponto aqui é que, embora existam concordâncias ou

discordâncias, no geral, não existe tanto o fator de estranhamento. Quando observamos outro espaço, no entanto, algumas práticas podem soar muito deslocadas, justamente pela falta de conhecimento quanto ao novo contexto.

Se essa observação é feita sem um norte que diga que há diferença de cultura, o estranhamento pode ser ainda mais acentuado, pois a tendência seria acabar assumindo os personagens daquele contexto como indivíduos atrelados a cultura de conhecimento próprio, ou seja, o leitor poderia, de forma involuntária – em seu subconsciente –, passar a tirar suas conclusões entendendo que aquele determinado personagem é alguém relacionado aos costumes e as vivências de seu país. Logo, se o livro é de origem brasileira e os personagens, bem como o leitor, também são, não existe tanta necessidade de externar este fato, no entanto, se consideramos expandir o público, levando o texto para outras culturas que residem fora das fronteiras brasileiras, essa informação de nacionalidade já se torna interessante para explicitar.

De volta ao nosso exemplo, a segunda hipótese levantada é a de que quando a tradutora especifica que o personagem é do Brasil, ela está estrategicamente explicitando uma informação para preparar território para a história. Com isto, criando um alerta mental no público leitor. Algo que, por sua vez, quase que silenciosamente os diz: o enredo representa possibilidades voltadas a um contexto brasileiro, portanto, ainda que o presente texto esteja em seu idioma e tenha sido trabalhado tanto quanto possível para lhe causar certa familiaridade na maioria das formas de expressão, por favor, tenha consciência de que determinadas ações, acontecimentos e decisões podem ser diferentes ou até mesmo inexistentes quando relacionadas a sua cultura.

Desse modo, o produto em si carrega e entrega sua missão por, quando necessário, deixar claro que o leitor está a experimentar algo externo, que em dado momento se tornou interno e assim chegou de forma funcional até ele, mas que para isso não precisou e nem irá deixar de carregar traços advindos de um outro meio, que é ao mesmo tempo fonte de inspirações e cultura de origem.

Já dentro de outras ocorrências que vêm de modos relativamente aparentes na tradução da obra, é possível perceber procedimentos como equivalências. Isso pode ser observado no exemplo abaixo, que não tenta trabalhar com menções a pessoas reais e suas possíveis substituições, mas sim com personagens fictícios, nomes e apelidos:

<p>“— <u>Dudu</u> — o menino responde ainda tímido. — É João Eduardo, mas pode me chamar de <u>Dudu</u>”. (MARTINS, 2017, p. 47)</p>	→	<p>“<u>Eddie</u>,’ <i>the boy says, still shy.</i> <i>‘It’s João Eduardo,</i> <i>but they call me <u>Eddie</u>”.</i> (MARTINS, 2020, p. 57)</p>
--	---	---

Neste trecho, que retrata uma apresentação, vemos que a forma oficial de nomenclatura do personagem que se apresenta não muda entre versões. Em ambas a figura fictícia continua sendo conhecida como “João Eduardo”, contudo, logo no começo do trecho, e sendo reforçado no fim, percebemos uma alteração em seu apelido, que passa a ser “*Eddie*” em língua inglesa. No que diz respeito ao significado do texto, não percebe-se um impacto, pois em ambos os casos falamos do mesmo indivíduo, no mesmo contexto de apresentar a outro uma forma encurtada que pode ser usada para endereçá-lo.

O que ocorre, no entanto, é uma clara e opcional troca de elementos que causará familiaridade nos contextos de língua inglesa. Uma vez que “Eduardo” se assemelha ao nome *Edward* – que não é incomum para falantes do inglês –, um apelido possível para uma substituição naturalmente também existirá. Notamos por fim que a tradutora fez a escolha de conservar a identidade textual para o nome do menino, mas realizou um esforço para trazer uma equivalência em seu apelido, substituindo “Dudu” por “*Eddie*”. Assim tornando mais suavemente familiar o processo de ler, pois o apelido é a forma de se referir ao personagem que mais inside no texto, e, portanto, quem observa a versão inglesa não vai passar pelo risco de sofrer lapsos de fluidez e ritmo em sua leitura por estranhar cada menção ao termo de apelidamento brasileiro.

É ainda importante pontuar que constantemente encontramos múltiplas ocorrências de diferenciados procedimentos técnicos em uma construção de frase, mas não apenas isso, pois, em certas ocasiões, o que observamos parece convergir. Existirão momentos em que dadas características de determinados recortes podem soar como pertencentes a mais de uma categoria, o que nos ajuda a perceber a fluidez de um

processo que, através de tentativas de categorização, nos esforçamos para entender e explicar. Mais uma vez, o nosso objeto de leitura nos traz um recorte sobre o tema:

<p>“— Está certo disso? — eu pergunto, numa imitação bem ruim do <u>Silvio Santos</u>”. (MARTINS, 2017, p. 146)</p>	→	<p><i>“Is that your final answer?” I ask, in a terrible imitation of <u>Regis Philbin</u>”.</i> (MARTINS, 2020, p. 195)</p>
---	---	---

Dentro do exemplo acima temos uma carga de informações sendo trazida, sobretudo pelos dois últimos elementos de cada frase, que se apresentam como um conjunto de substantivos que dão nome a figuras influentes, e cuja mera citação acaba por despertar memórias e referências na mente de muitos. Quanto mais abrandante é o reconhecimento de uma referência, maior o impacto de uma menção, e mais importante se faz a análise por parte do tradutor quanto ao que deve ser feito e o tato para o que estará por vir em relação àquele trecho.

Para brasileiros, a figura pública conhecida como Silvio Santos é um comunicador popular, dono de uma presença marcante, apresentador de inúmeros programas que fizeram parte de suas vidas consumo-televisivas e criador de diversos bordões que hoje estão na lembrança de uma grande quantidade de pessoas. Citar seu nome é, portanto, tocar em vários desses pontos memoráveis. Por outro lado, no entanto, este efeito não é global, pois Silvio Santos para nós é algo que pode não ser para um estrangeiro.

Uma pessoa não brasileira provavelmente não cresceu assistindo nossas programações de televisão, ouvindo nossas conversas acerca de episódios exibidos, e, portanto, ainda que eventualmente tenha ouvido ou lido algo sobre o apresentador brasileiro aqui citado, estando de fora dessa afetividade, sua percepção é enfraquecida em comparação com o que temos. Uma alternativa possível é, então, pensar no ponto de vista invertido. Sendo colocado na perspectiva de alguém dos Estados Unidos, parece haver alguma figura televisiva influente e marcada por suas participações à frente de programas de entretenimento?

No trecho observado, podemos perceber que a escolha acabou pendendo para este sentido. O que levou a uma substituição do nome Silvio Santos pela figura da hoje já falecida personalidade da televisão Estadunidense, Regis Philbin. Brevemente – para fins informativos –, este sendo um apresentador que deixou sua marca, ficando também bastante conhecido por sua performance à frente de inúmeros programas de popularidade.

No ano de 2013, em uma matéria sobre o bilionário apresentador brasileiro Silvio Santos, o site da Forbes estabeleceu uma breve e curiosa relação entre ele e a figura do apresentador Norte Americano Regis Philbin. Situando os leitores ao dizer que, dentre outras coisas, Silvio demonstrava um carisma de apresentador, assim como o já conhecido Regis. Uma comparação assim já nos faz perceber que pontos de semelhança existem, e, embora claramente estejamos falando de duas pessoas diferentes em localidades que não são exatamente as mesmas, o uso de seus feitos pode, ainda assim, ser aproveitado para associar leitores a uma ideia.

De volta ao cenário de trecho literário que foi trazido, o efeito de troca que ocorre apresenta traços de adaptação que também flertam com o lado da equivalência. Sobre isso, é importante a percepção de que estamos a considerar elementos próprios. As palavras sublinhadas se referem a pessoas, e claro que pessoas não são propriamente como palavras que podemos analisar e simplesmente determinar como igualitárias em significados entre si. Ainda assim, no recorte trazido neste ponto da análise o elemento é adaptado, mas com uma inclinação para manter uma essência e trazer ao leitor uma referência. A percepção de um apresentador marcante através de uma fala conhecida. Fala esta que, inclusive, é colocada em cada versão seguindo o padrão de uso da figura mencionada para o contexto.

Quase ao fim dessa fase de exposição, é possível perceber como as construções retiradas do livro *Here the Whole Time* (MARTINS, 2020), comparadas com as da sua versão brasileira – *Quinze Dias* (MATINS, 2017) – e apresentadas até aqui, vêm contribuindo para uma percepção mais intimista ao mesmo tempo que prestam suporte a desmistificação de um processo de tradução que, em diferentes escalas, sempre estará atrelado a não apenas estruturas, mas também a aspectos de interpretação e significado.

4.3 TÍTULO, MENSAGEM & SENTIDO

Se uma palavra é carregada de algo como sentido, quanto mais um conjunto dessas estruturas simbólicas. Constantemente uma elaborada mensagem vem através delas. Por meio de um número relativo de elementos é possível realizar muitos feitos, inclusive buscar captar algo da essência de uma obra, por exemplo. É o caso do livro cujas citações foram estudadas aqui, e que, portanto, se caracteriza como *corpus* analisado na presente monografia.

O que passa significado, no entanto, não está apenas no interior do livro, mas sim também em um objeto de impacto preliminar, que é a capa. Lá, por sua vez, é o local onde encontramos o título de uma obra. Aquilo que pode nos dizer frações de informações sobre a história antes mesmo de lê-la, e que vai nos fazer voltar a relacioná-lo e entendê-lo ainda mais ao fim de toda uma leitura. Tal é a importância do nome dado a um livro, e sua tradução não irá fugir dessa expectativa.

Neste curto espaço final de seção, portanto, me proponho a refletir sobre a transição de títulos ocorrida entre as versões da obra *corpus* deste trabalho, buscando entender algumas possíveis mensagens em cada objeto, com uma dose de liberdade interpretativa que é inerente a qualquer leitor.

Reforço que a intenção a seguir não é ser taxativo, no sentido de dizer que as conclusões obtidas são a verdade absoluta e que a tradutora da obra pensou exatamente nestes pontos levantados ao optar por uma adaptação do título. O que na verdade seguirei fazendo aqui é considerar a abertura de significados deixada para o leitor, com a base histórica construída através do enredo literário e de suas próprias articulações mentais, e, com isso, mostrar de forma objetiva algo que um indivíduo possa vir a perceber.

Dando início, podemos checar o ponto de partida que é o título original. *Quinze Dias* foi a escolha do autor para oficializar a distribuição de sua história. Um elemento que condensa da forma mais clara a ideia de organização do livro, atrelando tudo ao acontecimento que justifica seu *plot*¹⁰ principal.

¹⁰ Termo do inglês que pode ser traduzido como “enredo”.

A obra é iniciada com um capítulo introdutório, que nos apresenta o protagonista, seu universo, interações e intenção, mas tão logo esta última é abalada, temos espaço para um padrão que virá a se seguir. Para a história, 15 dias é o período de tempo em que o personagem principal terá que recepcionar em sua casa uma figura marcante de sua vida. Isso frustra seus planos, dada a enormidade de inseguranças que ele carrega.

Por sua vez, tudo isso dá fôlego à trama, e vai sendo mostrado ao longo do período já destacado, com uma marcação que se faz nominalmente esclarecida pelas transições de capítulos. O que significa dizer que, fora o espaço inicial voltado à contextualização, o livro possui 15 capítulos, seguindo 15 dias de um importante desenvolvimento para a história e seus personagens.

Essa organização é uma harmonia de elementos. O título da obra faz menção a algo do enredo, que por sua vez toca na estrutura material, gerando e nomeando as divisões vistas. Uma escolha bastante pertinente. Quando vamos, no entanto, para um outro lado da observação, que é em sua versão inglesa, talvez seja o momento de uma surpresa inicial para alguns, pois, contrariando novamente o aspecto literal da tradução, a obra em idioma estrangeiro não é chamada de *Fifteen Days*, mas sim de *Here the Whole Time*.

Aqui ao longo desta construção monográfica um ponto de vista aberto tem sido defendido. Portanto, a não literalidade titular ocorrida neste caso apresentado não vêm para ser mostrada como um erro, mas sim como uma situação, fruto de decisões e que, naturalmente, aqui acarretam em novas possibilidades interpretativas.

Ao observar o título *Here the Whole Time*, uma possibilidade de tradução bastante direta de volta para o português seria a frase “Aqui o Tempo Todo”. A partir desse rápido exercício já é possível perceber que toda a mágica e clara relação entre o título dos capítulos e o evento sequencial que é o período de tempo abordado na obra acaba se perdendo. Isso é um fato. No entanto, isso é também uma consequência possível do adaptar, e quando um efeito assim acontece, podemos esperar que um outro caminho se abra. O que, no entanto, se torna visível a partir dessa nova titulação que possa compensar a escolha?

Para tentar responder tal pergunta podemos nos valer da própria construção da história, dos personagens, de seus desenvolvimentos, traumas e lições apresentadas. É

preciso tentar abrir a mente, alargar o campo de visão, deixar de lado uma percepção linear que tenta enxergar possibilidades apenas no cenário da escolha anterior, e então finalmente se perguntar: o que nessa obra está ou estará presente a todo o momento?

Sem grandes surpresas podemos lembrar que, em diferentes níveis, algumas das temáticas trabalhadas pelo criador desta história são *bullying*, gordofobia e homofobia. Temas recorrentes em nossa sociedade, pois, infelizmente, em suas vivências pessoas insistem em reproduzir ações e falas que deixam sempre vivas essas práticas opressivas. Quanto mais vivemos, aprendemos e lutamos para criar um espaço consciente, mais conquistas se formam. No entanto, o cenário desafiador ainda não se desfez, e em alguns momentos parece que essa luta está longe do fim.

Tantas formas de repressão por vezes têm como efeito o desenvolvimento de inseguranças. As pessoas atacadas muitas vezes têm dificuldade em se julgarem bonitas, se achar corretas, bem como se sentirem seguras. Tudo isso vêm como um efeito da ignorância e da maldade presente em muitos meios, e que se manifesta de diversas maneiras.

A história tratada no livro de Vitor Martins passa por alguns desses pontos, mostrando como Felipe – o personagem principal – vive nesse cenário que, embora ficcional, é também real para muitos. Sobretudo, viver em seu corpo, que é constantemente julgado, o ensinou a ser inseguro, medroso quanto a inúmeras fases e interações em sua vida. *Quinze Dias* é a história onde ele se descobre capaz de transpassar esses efeitos do preconceito. Por sua vez, 15 dias é o tempo estabelecido da história que está relacionado a um evento ao qual conseguimos acompanhar.

Esse período de tempo, no entanto, não é tudo. Estando imerso na trama e a sentindo com o máximo de realidade, sabemos que muitos eventos aconteceram antes e levaram os personagens a serem quem são, com as personalidades que têm. Vários diálogos podem ser acompanhados ao longo da narrativa, e isso ajuda a perceber como a mente das figuras está se moldando, e como relações e sentimentos são construídos e reconstruídos nesse constante jogo interacional com o outro. Por cerca de duas semanas o protagonista teve a oportunidade de estar em contato com muitos de seus conflitos externos e internos, e fazer o esforço de combatê-los. É como se para ele tudo gerasse uma moral. Uma sequência de lições e percepções que ele precisava entender.

No futuro, mais acontecimentos são esperados, e nem todos serão bons, nem todos serão ruins. Existirão mesclas de eventos e sensações que precisarão ser vividos, e logo gerarão espaços para refletir. É um processo contínuo, e que já nessa fase que se encerra na última página do livro nos leva a ver que muitos problemas sempre estiveram por ali, ao redor, e que muitos provavelmente ainda irão rondar, mas o que fica é o sentimento de que é possível não se perder em meio a tantos julgamentos. A vivência nos leva a uma fase de esclarecimento que gera aprendizados para a essência. Fazendo cada um cultivar em seu íntimo lições que, uma vez entendidas, tornam-se parte do seu próprio ser, e estas sim, finalmente, estarão *aqui o tempo todo*.

Sendo uma tentativa de perceber o que "*Here the Whole Time*" pode despertar em quesito perceptivo, aqui se evidenciou uma possível conclusão. Logo, o que resta para ser dito neste ponto é apenas que formas de captação diferentes trazem o seu valor, pois, como foi notado, ambas as versões titulares que nomeiam a obra aqui observada cumprem o seu papel de algum modo, se relacionando com algo e se abrindo. Sendo assim, saliento que um título traduzido passa por decisões que, por sua vez, tocam na estrutura e na semântica, gerando um produto que passará a emanar uma mensagem, e que esta, de modo reflexivo, será em algum momento tocada pela habilidade de interpretação de um leitor, estando, a partir daí, já em desempenho de um propósito.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Com o apoio de todas as ideias, argumentações, conceitos e resultados apresentados até o momento, aqui encontram-se as palavras concluintes acerca do que foi visto no decorrer deste escrito acadêmico. Um espaço de síntese voltado à finalização de um trabalho monográfico que visou um exercício de análise através de objetos literários, comparando recortes das versões de uma obra, se voltando a seus aspectos de tradução e tomando por direcionamento o ato de levantar observações que ratificam a não superficialidade da ação que envolve este termo.

Por sua vez, os elementos pontuados ao examinar algumas das perceptíveis aplicações de elementos envolvidos nas práticas de tradução, tomando por objeto o livro em língua inglesa chamado *Here the Whole Time* (MARTINS, 2020), resulta na percepção de que uma obra brasileira como *Quinze Dias* (MARTINS, 2017) se converte em uma versão internacional entendendo seus objetivos de contar uma história já apresentada no material base, respeitando sua fonte, porém compreendendo as implicações, que são as necessidades no processo para a sua existência em um novo cenário. Abarcando assim aspectos de obliquidade, abertura criativa e perspectiva para a compreensão.

A observação que parte daí, em um processo de checagem que traz ambas as versões linguísticas do objeto tabeladas paralelamente, revela o que a tradução traz e o que pode ser contado através de seu produto. Um processo vivo se constata, porque não serão sempre ao pé da letra os encontros nas observações paralelas. Logo, não se tratando de algo completamente literal, mas sim feito a partir da leitura do tradutor e de seu julgamento, que trata de levar, tanto quanto possível, as experiências e sensações do texto base de um lado ao outro. Isso, por sua vez, é feito mediante uma compreensão de que um processo criativo se dá ao longo das fases, e com o entendimento de que um novo público irá consumi-lo, com perspectivas diferentes que devem ser bem entendidas e utilizadas pelo profissional tradutor para guiar a sua produção na empreitada de fazer essa peça textual “[...] ressurgir com vitalidade no novo código que a abriga” (CARVALHAL, 2013, p. 51).

Em meio a tais processos, os procedimentos apresentados e considerados ao longo do trabalho nos revelam essas movimentações, indicando como, em alguns casos, o resultado é algo bastante direto, mas em outros acaba sendo bastante variado em decisões, direções e efeitos. Ao tomar por base o entendimento de traduzir palavra por palavra existe uma parcela de verdade, mas também uma armadilha. O fato de que isso está englobado no que significa um processo maior tornou pertinente e necessária uma proposta de apresentação de vertentes não tão comumente vistas em holofotes. Apontando também para o fato de que, como existem muitos âmbitos para onde vai o traduzir, existem aspectos que podem ser levados em consideração de acordo com a natureza do projeto.

Dentro do nicho de tradução literária, os procedimentos observados aqui ao longo da monografia são algumas das facetas possíveis a se considerar, e isso já mostra a complexidade do traduzir. Uma prática que consiste em uma única e curta palavra, mas que não deixa de carregar toda uma bagagem que, de uma forma completa, não a permite ser apenas literal, pois seu processo não é meramente linear. Ele também engloba lidar com as obliquidades que se apresentam por fatores que vão desde aspectos mais estruturais surgidos a partir das distinções entre sistemas linguísticos, passando pelas formas como os indivíduos compreendem suas expressões e podendo ir até o auge criativo que envolve referenciar aspectos da obra na língua de partida através de outras perspectivas válidas.

Tudo isso só reforça o fato de que não lidamos com uma “ciência exata” (BRITTO, 2012, p. 52). Cada empreitada de tradução vai ser um desafio de complexidades diferentes e inúmeras tomadas de decisões que muitas vezes não possibilitarão ao tradutor sentir o conforto de encontrar um modo fácil de contar a um novo público o que ele julgou ser a relevância em um texto-fonte.

Muito conhecimento e reflexão são necessários ao longo desse processo que constantemente vai resultar em escolhas automáticas e instintivas por conta dos padrões e regras dos idiomas em foco, bem como também por influência da experiência do profissional, mas vários momentos também vão demandar exaustivas pesquisas e tomadas de decisões por parte deste que se encontra entre as fronteiras das línguas.

Isso é importante de saber, porque ao dizer, você às vezes diz mais do que é desejado. Ao dizer você às vezes diz menos do que é necessário, e do que é adequadamente esperado. Dizer algo é uma missão que passa pelas palavras e demanda uma análise. É algo que se faz com atenção aos detalhes. Sobretudo quando o que está sendo dito é um resultado indireto, ou seja, produto de uma outra leitura.

Tal responsabilidade demonstra a complexidade na tarefa de traduzir, que aqui nesse momento que se encerra foi vista de forma a culminar em um estudo com materiais de textos literários. Entretanto, precisamos pontuar que isso não significa dizer que tradução nessa área passa a significar consideração meramente com a estrutura do que se vê no papel. Pelo contrário, pois para além das questões de estilo na estrutura, traduzir aqui também toca e se relaciona com a vivência do que se sente na realidade. É um processo que gera um produto para o público humano e que, portanto, precisa também considerar esse caráter vivamente cultural, visando um equilíbrio que seja sempre benéfico à experiência daqueles que, no fim das contas, são uma meta.

REFERÊNCIAS

- ACADEMIA BRASILEIRA DE LETRAS. **Gordofobia**. Rio de Janeiro: 2020. Disponível em: <<https://www.academia.org.br/nossa-lingua/nova-palavra/gordofobia>>. Acesso em: 19 de agosto de 2022.
- ANTUNES, Anderson. Meet TV Star Silvio Santos, Brazil's First Ever Celebrity Billionaire. **Forbes**, 2013. Disponível em: <<https://www.forbes.com/sites/andersonantunes/2013/02/19/meet-tv-star-silvio-santos-brazils-first-ever-celebrity-billionaire>>. Acesso em: 18 de setembro de 2022.
- ARROJO, Rosemary. **Oficina de tradução: a teoria na prática**. 5. ed. São Paulo: Editora Ática, 2007.
- AUBERT, Francis Henrik. **As (in)fideliades da tradução: servidões e autonomia do tradutor**. Campinas: Editora da UNICAMP, 1993.
- BARBOSA, Heloísa Gonçalves. **Procedimentos técnicos da tradução: uma nova proposta**. 3. ed. Campinas: Pontes Editores, 2020.
- BRITTO, Paulo Henriques. **A tradução literária**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2012.
- CAMPOS, Geir. **O que é Tradução**. São Paulo: Editora Brasiliense, 1986.
- CARVALHAL, Tania Franco. A Tradução Literária. **Organon: Tradução literária em exercício**, Porto Alegre, UFRGS, v. 7, n. 20, p. 47 – 52, 2013. Disponível em: <<https://seer.ufrgs.br/index.php/organon/article/view/39381>>. Acesso em: 17 de outubro de 2022.
- COLLING, Leandro. **Gênero e sexualidade na atualidade**. Salvador: UFBA, Instituto de Humanidades, Artes e Ciências; Superintendência de Educação a Distância, 2018.
- FACHIN, Odília. **Fundamentos de Metodologia**. 5. ed. [rev.] São Paulo: Editora Saraiva, 2006, 1 – 60 p.
- GIL, Antonio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 4. ed. São Paulo: Editora Atlas, 2002.
- IBGE – INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA. **Pesquisa Nacional de Saúde do Escolar 2019**. Rio de Janeiro: IBGE, 2021. Disponível em: <<https://biblioteca.ibge.gov.br/visualizacao/livros/liv101852.pdf>>. Acesso em: 22 de agosto de 2022.
- MARTINS, Vitor. **Here the whole time**. Tradução de Larissa Helena. New York: PUSH, 2020.

MARTINS, Vitor. **Quinze dias**. São Paulo: Editora Globo Alt, 2017.

MORRIS, Lauren. Why is it called Squid Game? Netflix show's name explained and alternate title revealed. **Radio Times**, 2021. Disponível em: <<https://www.radiotimes.com/tv/drama/why-is-it-called-squid-game-netflix-title-explained-newsupdate/>>. Acesso em: 5 de dezembro de 2021.

NIDA, Eugene A.; TABER, Charles R. **The Theory and Practice of Translation**. Leiden: E.J. Brill, 1982, 1 – 55 p.

PYM, Anthony. **Explorando as teorias da tradução**. Tradução de Rodrigo Borges de Faveri e Juliana Steil. São Paulo: Perspectiva, 2017.

SURMELIS, Angelo. **A perigosa arte de ser invisível**. Tradução de Carlos César da Silva. São Paulo: Hoo, 2022. Edição Kindle.

TIKKANEN, Amy. Regis Philbin. **Britannica**, 2009. Disponível em: <<https://www.britannica.com/biography/Regis-Philbin>>. Acesso em: 18 de setembro de 2022.

VINAY, Jean-Paul; DARBELNET, Jean. **Comparative Stylistics of French and English: a methodology for translation**. Tradução e edição de Juan C. Sager e M.-J. Hamel. Amsterdam/ Filadélfia: John Benjamins Publishing Company, 1995, 1 – 50 p.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

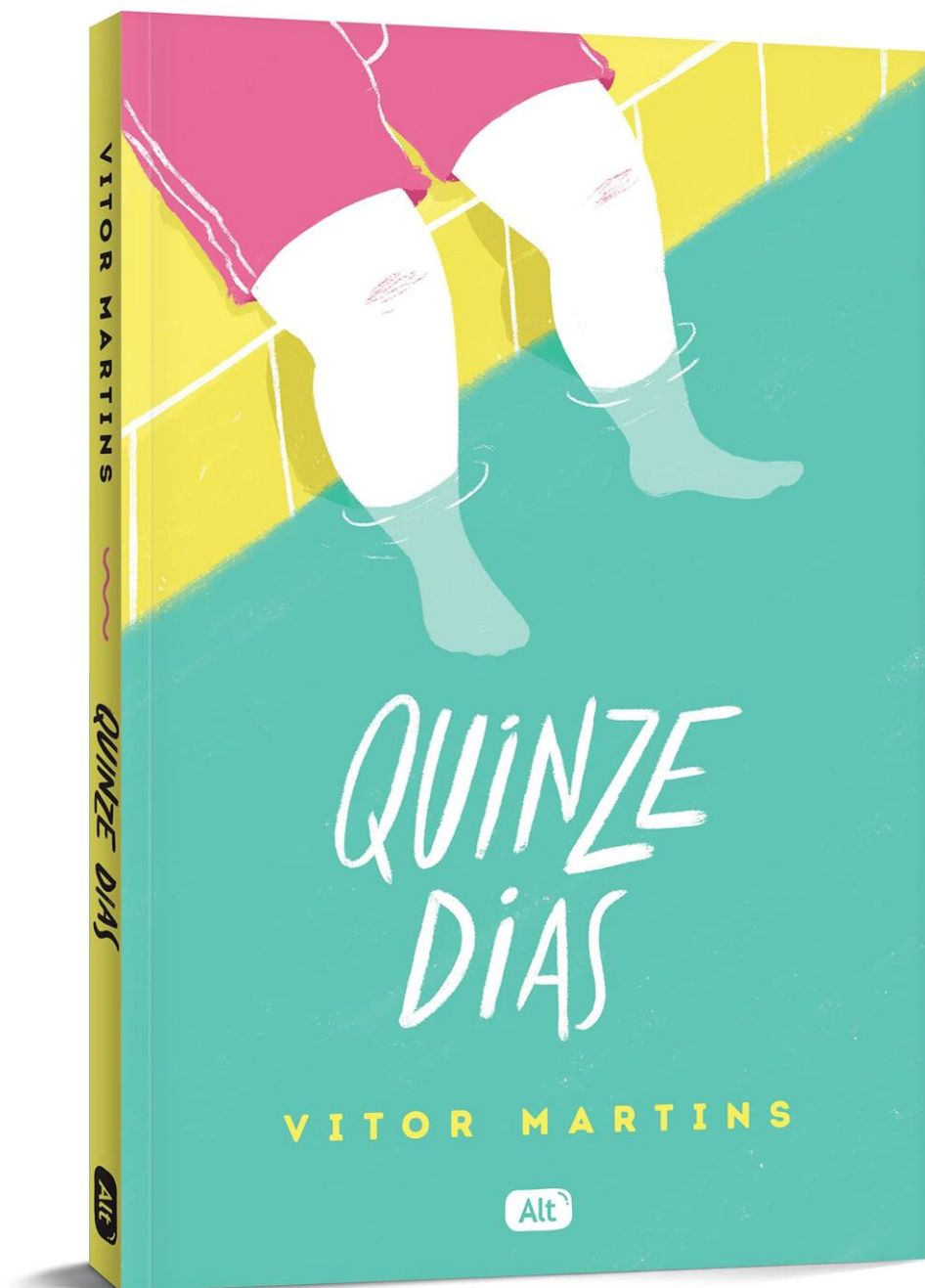


Figura 1 – Capa do livro *Quinze Dias*, escrito pelo autor brasileiro Vitor Martins e lançado em território nacional no ano de 2017 através da editora Globo Alt.

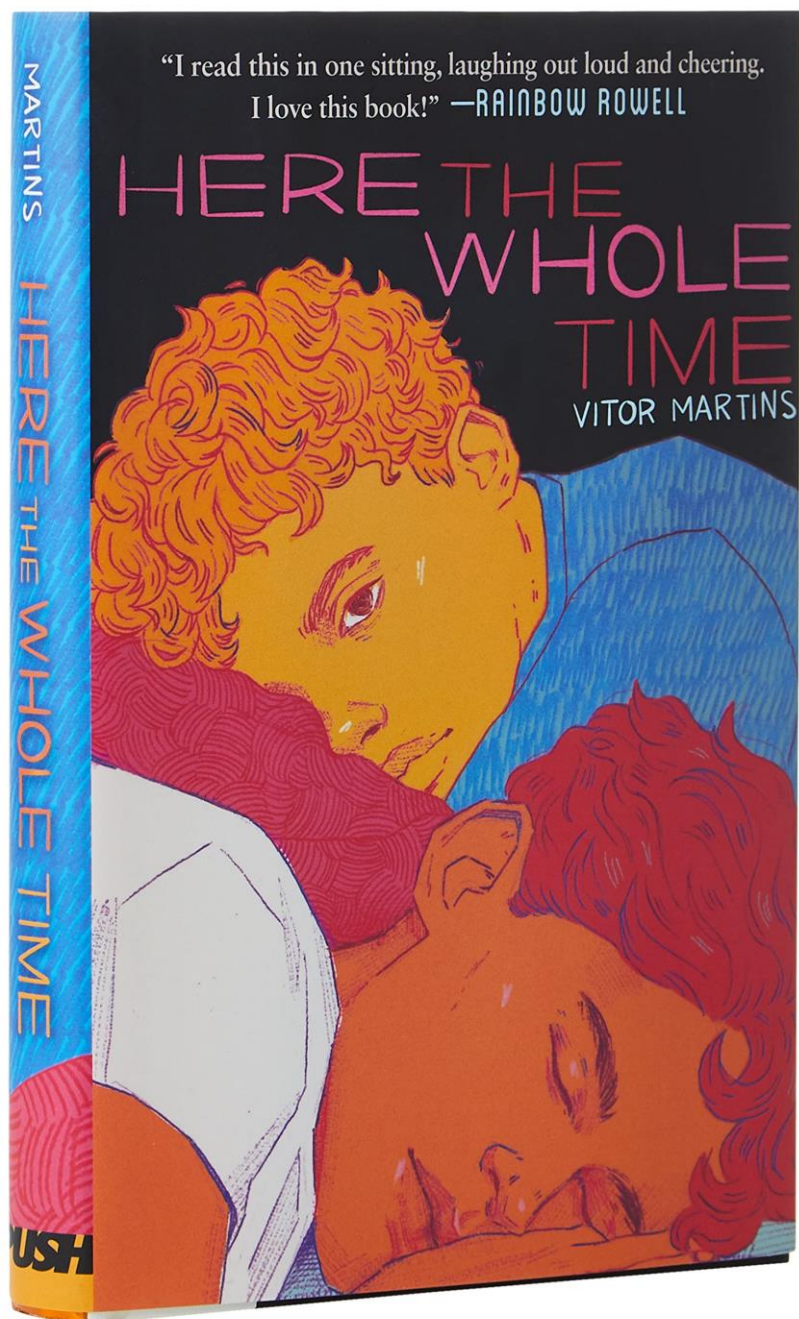


Figura 2 – Capa do livro *Here the Whole Time*, do autor brasileiro Vitor Martins, com tradução de Larissa Helena e lançamento ocorrido nos Estados Unidos em 2020 pela editora *PUSH* – pertencente ao grupo *Scholastic*.